

Mutum, Minas

13-x-1923

Meu querido irmão . . . ,

Agora é que posso começar a dar resposta às suas perguntas, pedindo primeiro iluminação divina, para poder ser-lhe útil.

1. — Mat. caps. 5 a 7 e Lucas 6. Serão estas duas passagens um e o mesmo sermão?

Possivelmente, A dúvida está no caso de Mateus falar em «subir a montanha» e Lucas em «descer a um lugar plano», mas entende-se que o discurso foi proferido num planalto que existe nessa montanha. Mas muitos entendem que a ocasião era outra e que Jesus dava o mesmo ensino a diferentes grupos de pessoas.

2. — Mat. 3:6,11. O Batismo data de João Batista? Ele foi o primeiro a empregá-lo, ou já era costume entre os judeus? Qual a razão e o valor do batismo de J. B.? Qual a diferença entre o batismo d'Ele e o dos apóstolos?

Dizem que o batismo era um rito conhecido entre os judeus, mas eu ainda não tenho podido descobrir as bases desse dito. A razão e o valor d'Ele era para preparar o caminho do Senhor e endireitar as Suas veredas. Teve por fim separar os fiéis em Israel do restante da nação. João batizou para o arrependimento (Mat. 3:11); os apóstolos batizaram para Cristo (Gál. 3:27). Note: a preposição grega é a mesma em cada caso: «eis». Os israelitas foram batizados «eis» (a ou para) Moisés, na nuvem e no mar (1. Cor. 10:2). O significado é sempre o mesmo: de inclinação ou identificação. Os israelitas foram arrolados, por assim dizer, com Moisés, o Capitão da sua Salvação, e por serem associados com Ele foram salvos do Egito. Nós, da mesma forma, mas com Cristo e não com Moisés. João, não podendo apresentar uma Pessoa como Centro do povo de Deus, apontou um sentimento: o arrependimento. Ajuntou um povo arrependido e não um povo cristão. Depois de Cristo Se ter manifestado, tornou-Se Ele, não o arrependimento, o Centro do povo de Deus. Por isso os discípulos em Atos 19, que tinham recebido apenas o batismo de João, foram rebatizados com o batismo cristão. *

* Mas Dr. Bullinger entende que ali não houve um rebatismo: Em um longo estudo do trecho Ele pensa provar que o sentido do v. 5 é «os que ouviram [João Batista] foram batizados, etc.». É certo que o v. 4 não fala nada sobre o discurso do apóstolo ser interrompido por uma excursão ao rio para fazer os batismos.

3. — Atos 2 O Espírito Santo não veio antes de Pentecostes ? Os batizados por João não O receberam ? (Mat. 3:11).

O Espírito Santo não veio antes de Pentecostes, não. Os batizados por João não O receberam, nem tão pouco O receberam todos os que foram batizados com o batismo cristão (Atos 8:16) O batismo com água e o batismo com o Espírito Santo são coisas essencialmente diferentes. Aquéle é feito pelos homens ; este é feito por Deus.

4. — Atos 1:15-26. Fêz bem S. Pedro ? O verdadeiro substituto de Judas não foi S. Paulo ? Que tal o emprêgo de sortes ? É lícito ainda hoje, em casos semelhantes ?

Ser-nos-ia muito fácil consentir que isso fosse uma escolha inútil e desnecessária, se não estivesse recordada *sem nenhuma nota de censura*. O uso de lançar sortes pertence aos tempos do judaísmo, antes da descida do Espírito Santo. Hoje seria mais de acôdo com a índole do Cristianismo, em vez de lançar sortes, rogar a Deus que manifestasse a Sua vontade pelo poder do Espírito Santo. Não se lê de nenhum caso de se lançarem sortes depois da descida do Espírito. Casos semelhantes quase que não se podem encontrar hoje. Havia então apenas dois homens competentes, e era preciso discernir entre êles qual era a testemunha que Deus tinha escolhido.

5. — Qual é a sua opinião sobre o antepor a palavra «santo» aos nomes dos apóstolos, evangelistas e pais da igreja ?

E' um costume sem motivo justificado, e se êles merecem ser chamados santos, por que não dizem também S. Moisés, S. Davi e S. Adão ? Contudo não é pecado usar tal título, e às vezes faz-se por ser costume.

6. — João 20:23. Como se poderá destruir a conclusão que inferem os romanistas desta passagem ? Qual a sua significação ?

Esta passagem é amplamente discutida no livro *Noites com os Romanistas*, no capítulo VI. Vemos pela passagem paralela em Lucas 24:33 que essa autoridade de perdoar pecados não foi dada exclusivamente aos apóstolos mas à Igreja, isto é, aos onze e outros juntamente com êles. E' importante notar que «apóstolos» não são mencionados, mas «discípulos». Notamos também que as pessoas competentes para exercerem essa autoridade estavam cheias do Espírito Santo. Parece que o Senhor Jesus estava responsabilizando os Seus discípulos pelos seus atos coletivos, que necessariamente teriam um caráter mais permanente do que os atos individuais. Com tôda a certeza Ele não propõe abonar todos os atos errados da Sua Igreja, mas sómente os que são dirigidos pelo Espírito Santo. Atribuir essa autoridade exclusivamente aos padres da Igreja Romana é o cúmulo da loucura, pois ela não foi dada só-

mente aos apóstolos mas aos discípulos e outros com êles, e nada se diz de tal autoridade ter sido transmitida pelos apóstolos (não mencionados) aos padres romanos; e mesmos que fôsse transmitida, porque havia de ser exclusivamente a uma secção moderna da Igreja Universal — a Romana — e não à mais antiga, de Jerusalém ou de Antioquia?

7. — João 20:17. Qual a significação destas palavras de Jesus?

E' semelhante a João 7:8 — «*Subi vós a esta festa: eu não subo a esta festa*» (há alguma dúvida se a palavra «ainda» tenha cabimento aqui). Porém mais tarde Jesus também subiu ocultamente; quer dizer, foi à festa, não para assistir a êsse ato religioso, mais para dar testemunho da verdade. Como eu poderia dizer: «Nunca vou ao teatro: apenas fui uma vez a fim de chamar para fora um parente que lá estava».

Assim também o Senhor Jesus ainda não tinha «subido» ao Pai em ressurreição, embora o Seu espírito, e o do «bom» ladrão, tivesse ido ao Paraíso no mesmo dia da crucificação. Mas isso não era a subida oficial nos termos do Salmo 24:7,8.

Uma coisa semelhante pode haver na Segunda Vinda de Cristo. Muitos entendem que Cristo virá ocultamente para buscar a Sua Igreja (Tess. 4) mas isso não será a Sua Vinda gloriosa (Tit. 2:13). Uma vinda é particular, outra oficial.

8. — Mat. 13:11,12. Qual a significação destas palavras de Jesus?

Parece ser um princípio bíblico, que Deus só tem em vista a abundância, enquanto que a tendência humana é de contentar-se com pouco. Não há nenhuma promessa para o meio-crente, e quem procura remediar-se com um pouco de espiritualidade, perderá o pouco que tem. Aos outros não era dado conhecer os mistérios (segredos) do reino, devido ao seu estado espiritual; êles, se tivessem querido, poderiam também ter sido discípulos de Cristo.

9. — João 7:8 e 10. Como harmonizar estas duas passagens?

Veja-se a resposta ao número 7.

10. — Moisés escreveu todo o Pentateuco? Quais as provas?
Haverá mal em afirmar o contrário?

Ser Moisés autor do Pentateuco, como era crença entre os judeus, é abundantemente confirmado por Cristo e pelos escritos apostólicos. Veja-se Mat. 19:7, 8:23-24; Marc. 10:3; 12:19; Lucas 16: 29:31; 20:37; 24:27; João 5:45,46; 7:22; Atos 6:14; 15:21; 26:22; 28:23; Rom. 10:5 e 19; 2. Cor. 3:15; Heb. 7:14. Não é proibido, contudo, admitir a possibilidade de o ter escrito um editor que acrescentasse algumas palavras, especialmente as que relatam a morte de Moisés. Se o editor ou editores aumentou ou aumentaram alguma coisa, os sábios podem procurar determinar, mas eu não sou com-

petente para emitir uma opinião; porém, atendendo à imensa veneração que os israelitas tinham pelas próprias palavras das suas Escrituras, não é provável terem consentido em muitas modificações. Conheço as conclusões da «alta crítica», mas não as aceito nem mais nem menos. Felizmente existe uma escola conservadora, representada por homens igualmente eruditos.

Uma das provas do respeito dos judeus pela letra das Escrituras talvez se encontre em Gên. 32:30 e 31. Um lugar é chamado «Peniel» em 30, e «Penuel» em 31. Evidentemente foi um lapso da pena de algum escritor antiquíssimo, talvez do autor original, mas nenhum editor desde então até hoje tem se atrevido a emendar o lapso.

11. — Mat. 23. *Fazem mal os pregadores em atacarem delicadamente os erros do romanismo ou do espiritismo? «Cristo era Deus», dizem alguns; «tinha autoridade para fazê-lo; nós não». Pregando, por exemplo, sobre 1 João 1:7, não posso aproveitar o ensejo para provar que o purgatório e a reincarnação não existem?*

Pode, com certeza. Os erros devem ser refutados — delicadamente. Geralmente a melhor maneira de o fazer é pela apresentação da verdade. E nem sempre os errados estão em condições de se lhes refutarem seus erros. Por exemplo, é geralmente inútil a maneira por que os evangelistas muitas vezes falam com os romanos contra seus «ídolos», e que sómente os provoca ainda mais. Se em vez de falar dos ídolos tivessem falado de Cristo, teria sido com mais proveito. O nosso empenho não deve ser fazer Protestantes mas Cristãos.

12. — *Se Adão não tivesse pecado, teríamos vida eterna aqui na terra: não morreríamos? A morte a que se referem Ezeq. 18:4,20; Rom. 6:2,3; 1:32; Gên. 2:17; Rom. 5:12; Tiag. 1:15; 1. Cor. 15:22; João 8:24 e 51, etc. é morte física ou espiritual (a condenação eterna)? Ambos são resultado do pecado?*

Sim, ambos são. A idéia essencial da morte é separação de Deus, que é a vida, mas às vezes inclui também a da separação do corpo, em que o espírito humano vive. Nem sempre podemos determinar se a palavra «morte» é empregada em sentido físico ou espiritual. Pode ser física à vista dos homens e espiritual à vista de Deus. Assim, «A alma que pecar, essa morrerá». Os homens devem conhecer que o sofrimento e a morte física são consequências do pecado; mas perante Deus, no dia em que o homem peca, ele «morre»: fica afastado de Deus.

13. — *A predestinação é uma realidade, pois é bíblica — Rom. 8:29, 30,33; Ef. 1:4,5; 1. Psdرو 1:2; Atos 13:48; Mat. 20:16; Luc. 12:32; Rom. 9:21,21; etc. Mas não posso compreendê-la! Deus escolheu desde a eternidade alguns para a vida eterna; e os outros, não escolhidos,*

perder-se-ão por isso? Que culpa têm, neste caso, os que se perdem? Como harmonizar essas passagens como estas outras: Marc. 16:16; Atos 6:31; João 3:16; 1. Tim. 2:4; Ezeq. 18:23,32; Tit. 2:11; Atos 17:30; João 6:37, etc.? Acho dificílimo fazê-lo. Se eu não tivesse sido escolhido então não me salvaria? Como reconciliar a predestinação com o livre arbítrio do homem? Devemos pregar esta doutrina aos incrédulos ou silenciar-nos sobre ela?

Não podemos divorciar a predestinação divina da presciência divina (Rom. 8:29 e 30; 1. Ped. 1:2), e, tendo isso em vista, devemos notar que uma grande parte da dificuldade do assunto da predestinação vem da diferença entre uma perspectiva humana e uma perspectiva divina. Para nós há necessariamente passado, presente, e futuro, e todo o nosso raciocínio respeita este fato. Para Deus não existem êsses limites: para Ele o futuro é tão atual como o presente, e necessariamente há de haver confusão se tentarmos agir como se fôssemos Ele. O professor de uma escola nos diz: «Desde há muito determinei dar o prêmio de um livro ao aluno que sair melhor nos exames, e visto que sei perfeitamente que Fulano é o mais inteligente e o mais instruído, podemos dizer que ele está destinado a possuir êsse livro». Mas ninguém diria que o professor por isso está destruindo o livre arbítrio dos seus alunos.

Outra parte das dificuldades vem do raciocínio sobre a linguagem bíblica e não diretamente das mesmas palavras. É mais prudente limitarmo-nos às afirmações bíblicas sem acrescentar coisa alguma, porque, num assunto tão profundo, é fácil errarmos pelo raciocínio. A escolha de Deus foi resultado da Sua presciência: isso sabemos claramente da Palavra, e pouco mais sabemos do assunto. Que Deus quer que todos os homens se salvem (1. Tim. 2:4) também sabemos, sem a mínima sombra de dúvida. É sómente o raciocínio humano que estabelece um conflito entre a presciência de Deus e a Sua infinita bondade. Cada vez que ouvimos uma afirmação exagerada sobre a predestinação, devemos perguntar: «Isso é uma coisa que a Bíblia afirma, ou uma coisa que a teologia tem deduzido da Bíblia?» Deus sabe se vou plantar milho este ano, mas a Sua presciência não destrói o meu livre arbítrio de fazê-lo, nem me livra da necessidade de o plantar, se quero comer angu.

Contudo, não quero dizer que o assunto não tenha as suas dificuldades. Em alguns dos seus aspectos é mais prudente deixá-lo indeterminado.

Não podemos com proveito pregar a predestinação aos incrédulos porque êles não podem apreciá-la devidamente. Por fora da porta da salvação lemos: «Deus quer que todos os homens se salvem», e sómente depois de ter entrado é que descobrimos as palavras misteriosas: «Eleitos n'Ele antes da fundação do mundo». E o

raciocínio, não a Bíblia, que afirma que Deus não quer que todos os homens se salvem.

14 — Outro passo difícil para mim: a diferença tão grande entre o V. e o N. Test., entre o Deus do Velho e o Deus do Novo. Em vista de Heb. 13:8, por que essa diferença tão visível? Naturalmente não há, senão aos meus olhos, para os quais faltam as luzes elucidativas a esse respeito. Deus no V. T. é vingativo; é o «Senhor dos Exércitos»; privilegia a Israel, e às outras nações não; ira-Se constantemente; ordena a destruição de cidades inteiras, a morte de mulheres e crianças inocentes; abençoa as guerras; mata até a Uza por segurar na Arca; permite a poligamia (?) abençoando aos que dela usam; e assim muitas outras coisas que como que tornam injusta a pessoa de Jeova.

Sei que há explicações para isso, pois Deus nunca poderia deixar de ser justo, reto, santo, amoroso, atributos estes, aliás, frisados mesmo no próprio V. T.; principalmente nos últimos livros dos profetas. Sei que a Bíblia é inspirada e Deus é justo, é perfeito, é um só; mas como justificar essa diferença tão notável é que não sei.

Pensando bem, não há nenhuma dificuldade em aceitar o Deus do V. T. porque Ele é muito parecido com o Autor da natureza, como nós O conhecemos sem a Bíblia. O Autor da natureza é vingativo, ou por melhor dizer, justiceiro; não consente na transgressão de nenhuma das Suas leis. A criança mais inocente será queimada se meter a mão no fogo tanto como o homem mais iníquo. O Autor da natureza visita os pecados dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração — por exemplo, com a sífilis hereditária. O Autor da natureza permite a destruição de cidades inteiras (como Tóquio e Ioquoama) e a morte de mulheres e crianças inocentes, ou se isto se dá sem a Sua permissão é claro que Ele mesmo tem perdido o governo sobre as fôrças que criou.

O que é mais difícil de aceitar é a revelação de Deus sob outro aspecto no N. T., porque para isso não há paralelo na natureza. Um Deus longânimo até ao extremo, propondo desde a eternidade felicidades indizíveis para — Seus inimigos! Sacrificando-se a si mesmo para poder conseguir esse propósito de amor sem depreciar em coisa alguma a santidade e a justiça.

E' o mesmo Deus, visto parcialmente no V. T. e plenamente no N. T. Lemos no V. T. como Ele habitava em densas trevas (1. Reis 8:12) porque uma plena revelação dêle, à parte da graça divina manifesta em Cristo, importaria a destruição dos homens pecadores. Mas agora Deus está na luz (1. João 1:7) e plenamente conhecido em Cristo.

Certamente Deus é vingativo, ou antes justiceiro: se o não fosse, não seria respeitado. Um pai que aceita toda classe de

ofensas de um filho sem o castigar, não merece o mínimo respeito. E podemos pensar que Deus deve ser menos severo que um pai humano? Um pai ignorante pode não fazer caso de seus meninos bricarem com outros meninos que têm coqueluche, mas um pai médico, compreendendo melhor o perigo, havia de os castigar severamente pela sua imprudência — e para o proveito déles.

O título «*o Senhor dos Exércitos*» não tem nada com as guerras; seria melhor traduzido por «*o Senhor das multidões*».

«*Privilegia a Israel.*» Sim, Deus trata os homens assim como eles às vezes tratam os seus terrenos: cultiva uma pequena parte para demonstrar a qualidade do todo. Deus achou conveniente cultivar com especial cuidado uma parte muito limitada da raça, para melhor demonstrar as lições que era necessário ensinar à raça toda. Este assunto é muito bem apresentado no livro «*Filosofia do Plano da Salvação*», um livro inglês antigo, mas que ainda merece estudo.

«*Ira-Se constantemente.*» Sim: como a natureza o faz. Contudo deixa perceber umas antecipações da graça que mais tarde havia de revelar. E se Deus não Se irasse contra o pecado, seria inferior aos nossos melhores sentimentos.

«*Ordena a destruição de cidades inteiras; a morte de mulheres e crianças inocentes.*» Assim, e talvez só assim, podia ensinar aos homens que os seus pecados terão consequências desagradáveis, para os outros, e se não querem desistir por amor de Deus nem para seu próprio interesse, ao menos que se santifiquem um pouco por amor dos seus queridos. Também a destruição das crianças podia ser melhor para elas do que serem criadas na incredulidade e perderem-se eternamente.

«*Abençoa as guerras.*» A espada deve ser a serva de Deus para castigar a iniqüidade, e se sempre assim fôsse seria abençoada por Deus, como são os magistrados justos que de pronto castigam os iníquos. Mas infelizmente os homens têm prostituído a espada para servir as suas próprias paixões. Deus confiou a Israel uma santa tarefa, de purificar a Terra prometida de um povo horrivelmente corruto (Lev. 18:27,28). Mas é provável que Israel pouco tenha compreendido da importância do serviço que lhe tinha sido entregue. Em vez de dizermos, sem mais nem menos, que Deus segundo o ensino do V.T. «abençoa as guerras», devemos antes dizer que Ele ordenava e abençoava certas guerras cujo motivo foi o exterminio de povos iníquos e impenitentes, mas que os homens ficaram longe de poderem cooperar dignamente com Ele nesse trabalho. No futuro vemos que o serviço de «colher do Seu reino todos os escândalos e os que cometem iniqüidade» será confiado aos anjos,

segundo o ensino do Novo Testamento, e então êles o farão mais dignamente.

A morte de Uza por segurar a Arca, é um caso solene, e à nossa vista, severo; mas considerando a tendência humana de tratar as coisas divinas com demasiada leviandade, não posso dizer que foi severo demais para acentuar a lição necessária.

«Permite a poligamia.» A poligamia não foi expressamente proibida no V. T. ainda que não há qualquer Escritura permitindo-a mas é terminantemente proibida pelo espírito do N. T. E' claro que aos crentes no Evangelho, com bênçãos mais espirituais, compete uma castidade mais perfeita do que era o costume em tempos primitivos. Infelizmente, hoje em dia, muitos homens casados, apesar de não praticarem a poligamia, têm em tão pouca conta a continência que deviam observar durante alguns períodos nas suas relações com sua espôsa, que chegam a arruinar a formosura e a saúde desta; uma coisa que é não menos censurável que a poligamia.

15. — Mais um ponto bastante obscuro para mim — encontro-o nas afirmações do N. T. a respeito da salvação. Que está mediante a fé, sem as obras, muitas passagens o provam. Mas encontro muitas outras que, sem de leve se referirem à salvação pela fé em Jesus, salientam as obras como base da bem-aventurança após o juízo. Eis alguns: Mat. 25:31-46; Rom. 2:6-10; Mat. 16:27; 2. Cor. 5:10; Apoc. 2:23; Tiago 1:27; Mat 5:3-12; Luc. 10:25-28; 1. Tim. 4:16; Luc. 19:8,9. Estas passagens são claras, positivas e concludentes. Citadas isoladamente, os espíritas, com elas, pretendem provar a salvação pelas obras. Como liga-las, sem esforço, às que anunciam a salvação pela fé?

Mat. 25:31-46 trata dos tempos futuros, quando o Evangelho da salvação pela graça não será mais pregado. Então será mesmo pelas obras: quer dizer, pela maneira como as «orações» tiveram tratado os «irmãos» de Cristo, isso é (por suposto) os judeus. Rom. 2:6-10 estabelece um princípio eterno e divino: que Deus costuma recompensar cada um conforme as suas obras, e, ainda mais, que propõe conceder àquele que procura glória, honra e incorrupção (se tal pessoa houver) uma coisa que ele não procurou: a Vida Eterna — talvez enviando-lhe um mensageiro especial, como mandou a Cornélio, para lhe pregar o Evangelho. Mat. 16:27 refere-se ao mesmo tempo que Mat. 25:31-46 «e então dará a cada um segundo as suas obras». 2. Cor. 5:10 refere-se ao galardão do crente e não à salvação do pecador. O «tribunal de Cristo» é uma coisa, e o «grande trono branco» é outra.

Ao doutor da lei em Luc. 10:25-29 o Senhor Jesus apresentou o caminho antigo para a vida, que o homem precisa conhecer primeiro, para certificar-se que ele não é competente para ganhar a bênção assim. Porque enquanto ele pergunta «que farei», é isso

mesmo que êle deve fazer. E' de notar, de passagem, que Jesus não lhe prometeu que assim êle herdaria «vida eterna», mas apenas a coisa mais parecida debaixo da lei: «viverás». 1 Tim. 43:16 faz-nos lembrar que a palavra «salvação» se emprega em muitos sentidos. As vêzes se refere a alguma coisa feita por Cristo, e, outras vêzes, àquilo que nós temos que fazer. Uma palavra mais limitada e precisa no seu sentido teológico é *justificação*, que representa uma coisa que nós nunca podemos conseguir pelas nossas próprias fôrças.

O assunto da salvação é um tanto complicado, devido à natureza do homem, que não pode ser ignorada. Como salvar aos homens sem destruir a sua responsabilidade? É um problema que só Deus pode resolver. Por isso não podemos estranhar que às vêzes o crente seja tratado como um pecador perdoado e outras vêzes como uma pessoa responsável pelas suas ações, que será premiada por fazer o bem e reprovada se fizer o mal.

16 — *Uma irmã sensível demais com a morte dos animais, disse-me que não podia entender como é que Deus ordenava a morte de milhares de animais para expiação dos pecados. Que resposta lhe daria o senhor? O sacrifício data de Abel? As outras nações, como o Egito e a India, teriam copiado dos israelitas ou dos patriarcas a prática dos sacrifícios? Qual será a razão de ser o sacrifício de animais, e não outra coisa, o tipo do sacrifício de Cristo? Os israelitas tinham já a concepção da redenção efetuada mais tarde por Cristo, no ato dos sacrifícios, desde o Sinai? Salvaram-se pela fé no futuro Redentor?*

Se essa irmã tivesse pecado e ela mesma tivesse que matar um cordeiro com as próprias mãos, então ela teria compreendido a importância do decreto divino, que «sem derramamento de sangue não se faz remissão». Foi justamente porque tôdas as pessoas normais têm horror de ver os sofrimentos dos animais, que Deus marcou êsse meio para expiar os pecados. Foi como se Ele tivesse dito: «Por teres feito uma coisa de que Eu não gosto, agora terás que fazer uma coisa de que tu não gostas». Veja-se mais uma vez o livro «Filosofia do Plano da Salvação», e também um artigo no livro «Palestras com os Meninos», intitulado «A História de um Sacrifício».

Pensar que Deus achou agrado no sangue dos animais, é um absurdo, visto ter Ele dito expressamente que não gosta do sangue dos bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes (Isa. 1:11). A instituição dos sacrifícios não foi, com toda a certeza, porque Deus gostasse do cheiro da carne queimada, como os incrédulos afirmam, mas porque era preciso ensinar aos homens lições solenes com respeito ao pecado, lições que não haviam de ser compreendidas tão bem por qualquer outro meio.

Não posso afirmar se as outras nações teriam ou não apren-

dido o uso de sacrifícios dos israelitas ou dos patriarcas. A grande lição de todo sacrifício é que «todo o pecado merece pena de morte», mas que pode ser expiado por substituição; isto é, pela morte de outro, idôneo. O israelita, vendo o animal agonizante, morto pela sua mão, diria: «Assim seria eu, se Deus não tivesse apontado um substituto.»

Não posso dizer que os israelitas tinham já a concepção da Redenção de Cristo, mas os mais inteligentes podiam sentir que a morte de um mero animal não devia ser suficiente para substituir um homem.

Nem posso dizer que se «salvam pela fé no futuro Redentor», Diria antes que aquêles que tinham fé, como vemos em Heb. 11. foram salvos pela sua fé em Deus.

17. — *O Batismo é ou não o substituto da circuncisão? S. Paulo fez bem em ter circuncidado a Timóteo? Não foi uma fraqueza dêle?*

Num certo sentido o Batismo pode ser considerado o substituto da circuncisão, mas não podemos dizer que o simbolismo dos dois ritos seja idêntico. Por exemplo, a circuncisão era só para os machos, enquanto que o batismo se entende ser para ambos os sexos. Mas em uma coisa os dois ritos figuravam a mesma verdade: *morte ao homem natural*. Parece que a ação de Paulo importava uma condescendência para os crentes zelosos da Lei, e sendo assim foi uma fraqueza. E' notável que o escritor recorda os fatos sem nenhuma palavra nem de aprovação nem de reprovação.

18. — *Tôda a Bíblia é inspirada? Não se encontram nela sentimentos meramente humanos? A parte histórica não é simplesmente trabalho dos homens? (Luc. 1:1-3; 1. Reis 14:29). A cosmogonia de Moisés não é sómente fruto dos seus parcós conhecimentos a respeito do assunto? Não há na Bíblia conceitos, opiniões pessoais dos seus autores? (1. Cor. 7:25).*

A passagem de 1 Tim. 3:16, traduzida em qualquer das duas maneiras («Tôda a Escritura é divinamente inspirada é proveitosa para ensinar», ou, «Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa») afirma o fato de haver neste mundo escritos dados por inspiração divina; por isso nos interessa descobrir quais são êles. E' muito razoável entender que o apóstolo tivesse no seu pensamento as Escrituras aceitas como inspiradas no seu tempo — quer dizer, o V. T. Se não, êle havia de aproveitar a ocasião para avisar os seus leitores contra algumas delas: por exemplo, o Livro de Cânticos! Mas nada disso êle fêz.

Encontram-se na Bíblia muitos sentimentos meramente humanos, palavras de homens maus e de demônios, mas recordadas por inspiração divina.

O assunto de Inspiração é tão grande que não posso tentar discuti-lo em poucas linhas, nem para isso tenho competência. Mas não aceito o ditame de qualquer crítico que me diz que a Bíblia está cheia de erros e contradições, porque muitas vezes, com o decorrer do tempo e maior estudo, verifica-se que quem errou foi o crítico e não a Bíblia. Pelo que tenho podido verificar, a cosmogonia de Moisés está de acordo com as mais recentes conclusões da ciência, apesar de ele empregar a linguagem popular e não a científica. Ela combina-se notavelmente com a filosofia de Herbert Spencer (veja-se o artigo em «O Semeador» a esse respeito. Ano II, pág. 76). De vez em quando algum geólogo calcula necessários milhares ou milhões de anos para a formação das rochas, etc., e geralmente outro calcula muito mais ou muito menos, mas nenhum deles pode demonstrar que Deus sempre caminha com o mesmo passo, nem podem dizer quantos milhares de anos devemos admitir entre Gen. 1:1 e Gen. 1:2. Segundo uma das interpretações, há lugar para todos os anos que os geólogos precisam entre êsses dois versículos. De passagem devo notar que a hipótese da evolução está muito desacreditada hoje em dia, por não combinar de maneira alguma com os fatos observados. Poderei indicar-lhe vários livros em inglês sobre êste assunto, mas ainda não vi nada em português no mesmo sentido.

1. Cor. 7:12 e 25 são muitos interessantes, mostrando casos raros em que o apóstolo escreveu segundo a sua própria inteligência e não por «inspiração divina». Mas é muito instrutivo ver como ele discrimina cuidadosamente entre os dois casos.

19. — *O corpo de Cristo depois da Sua ressurreição era o mesmo que antes, ou era um corpo espiritualizado, igual ao que havemos de ter após a ressurreição? Se era o mesmo, como explicar as Suas aparições em quartos fechados e as Suas repentinhas desaparições (João 20:19,26; Luc. 24:31)?*

O assunto é difícil. Não poderei resolver o problema totalmente. Que o corpo do Senhor Jesus era o mesmo que antes, não creio. Lemos em 1. Cor. 15:44. «Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual.» Mas ainda fica a dificuldade do convite a Tomé, e ainda mais Luc. 24:39.

20. — *Costuma dizer-se que resistir ao Espírito Santo é aquele pecado para o qual não existe perdão (Mat. 12:32). Será? Se é, onde a prova?*

Não é precisamente assim. A explicação encontra-se em Mar. 3:30: «Porque diziam: Tem espírito imundo». E alguém presenciar um milagre de Cristo, feito no poder do Espírito Santo (que deve subjugar o espírito humano em adoração), e em vez de dar graças a Deus por isso, deliberadamente atribuir a maravilha a um

espírito imundo. Note-se de passagem que pessoas apreensivas às vezes têm pensado terem cometido esse pecado, ou que podem cometê-lo em qualquer momento. Mas Deus não castiga a ninguém por uma mera perturbação dos nervos, mas só quando vê um coração irremediavelmente perverso.

21. — Os espíritas costumam citar as seguintes passagens com que julgam provada a reencarnação — Mal. 4:5 e Mat. 11:14; João 3:3; Gál. 6:7; Mat. 7:21; 5:27. Como lhes explicaria cada uma dessas passagens?

Para apreciar devidamente a «identificação» de João Batista com Elias, é preciso examinar tôdas as passagens que se referem a ela. A saber: Mat. 11:14; 17:11; Mar. 9:11-13; Luc. 1:17; Mal 3:1; 4:5,6.

Examinando tôdas estas passagens com cuidado, vemos que João veio «no espírito e poder de Elias», e, se êles quisessem dar-lhe crédito, «este é o Elias que havia de vir». Se tivesse sido uma reencarnação de Elias, então teria sido isso mesmo ainda que êles não quisessem dar-lhe crédito algum. E' evidente a todo cuidadoso estudante de profecia que o pleno cumprimento de Mal. 4:5,6 é ainda futuro, mas havia aquilo com João que, se o testemunho dêle tivesse sido recebido, justificaria a conclusão de que Elias, ou antes um no espírito e poder de Elias, tinha vindo. Outras passagens que apresentam a identificação de pessoas aliás distintas são Mat. 10:40 e Filemon 12,17. Veja-se a nota no Scofield Bible, pág. 1023.

João 3:3. Ensinar que «nascer de novo» importa «reencarnar» é meramente uma falta de inteligência, pois Jesus expressamente explica que Ele não se referia a outro nascimento carnal, mas a um novo nascimento espiritual. As outras passagens não contêm nem a mais fraca sugestão de reencarnação, por isso não precisam ser explicadas. Se os espíritas não têm base mais firme do que essa para sua crença, então o caso dêles caduca!

22. — Os «mortos» de 1. Ped. 4:6 são os que já tinham morrido quando Pedro escreveu a espístola?

Sim. São «os espíritos (agora) em prisão» do cap. anterior, a quem o Espírito de Cristo em Noé pregou o Evangelho de salvação pela arca, quando a longanimidade de Deus esperava mais de cem anos pela sua conversão.

23. — Qual é a sua opinião a respeito de Mat. 11:3? (1) João Batista, com esta pergunta, pretendia a conversão a Cristo dos dois discípulos? ou (2) por se achar na prisão havia tempos, mentalmente enfraquecido, duvidava realmente do caráter messiânico de Jesus?

ou (3) alimentava Ele a esperança dos seus compatriotas da redenção política de Jesus?

O (2), com um pouco do (3).

Agora devo deixar de responder a mais perguntas por um pouco, esperando continuar oportunamente.

Saudações no Senhor Jesus,

* * *

Carta 37

Mais perguntas

Mutum, Minas

24-10-1923

Meu caro irmão . . .

Hoje continuarei a tarefa de responder às suas perguntas, esperando que, pela bênção divina, luz e proveito saiam do trabalho.

24. — Mat. 11:16,17. Qual a significação destas palavras?

A queixa dos meninos foi que seus companheiros não estavam de acôrdo com o caráter do momento. Havendo alegria não se alegravam, e havendo chôro não choravam. Então Jesus fêz a mesma queixa dos homens «desta geração». Quando era hora de arrependimento, segundo a pregação de João Batista, em vez de se arrependerem, disseram: «Tem demônio». Quando o Cristo estava com êles, e era hora de alegria pela presença do Messias, longe de terem parte nessa alegria, censuraram o Cristo como se Ele fosse «um homem comilão e beberrão».

25. — Col. 1:16. Que significam «principados» e «potestades» aqui?

Será melhor incluir na resposta os «tronos» e «dominações» também, e então as quatro coisas incluem tôdas as diferentes formas de governo que há no mundo, como também poderes sobrenaturais no mundo espiritual. E' bom ligar êste versículo com Rom. 13:1,2, que também afirma que «as potestades que há são ordenadas por Deus». Que haja governo neste mundo vemos ser a vontade de Deus: Ele tem estabelecido essas autoridades. Contudo, nem sempre podemos afirmar que o usurpador que se apodera do poder seja ordenado por Deus, embora ele ocupe o lugar de «um ministro de Deus» (Rom. 13:4) e será responsável como tal, e caíndo, até, por isso, em maior condenação (Mat. 24:50,51).

26.— Jos. 6:6. Esse Josué é o filho de Nun? Não tinha ele morrido?

Certamente é ele mesmo. Lemos da sua morte no cap. 24:29. «Josué, filho de Nun, o servo do Senhor, faleceu, sendo da idade de cento e dez anos».

Mas talvez quis referir-se a Juiz. 2:6, que nomeia Josué depois de ele ter morrido em Juiz. 1:1. Realmente a morte de Josué é mencionada ao menos três vezes: em Josué 24:29; Juízes 1:1 e 2:8. Evidentemente Juiz 2:6-9 é uma repetição ou citação de Jos. 24:28-31, a fim de fazer um prefácio necessário à história dos juizes.

17.— I. Tess. 5:23. Qual a distinção entre corpo, alma e espírito?

A discriminação dada por Dr. C. I. Scofield é a melhor que tenho encontrado: «O espírito é essa parte do homem que sabe (1. Cor. 2:11) — a sua mente. A alma é a sede dos afetos e desejos, e por isso das emoções e da vontade — o «eu». «Minha alma está cheia de tristeza» (Mat. 26:38 e 11:29 e João 12:27). A palavra traduzida «alma» no V. T. é do mesmo sentido que a palavra «alma» no N. T. (Deut. 6:5; 14:26; 1. Sal. 18:1; 20:4,17; Jó 7:11,15; 14:22; Sal. 42:6; 84:2). A palavra no N. T. para espírito (*pneuma*) como o *ruach* no V. T. é traduzida também «ar», «fôlego», «vento», mas especialmente «espírito», seja de Deus (Gên. 1:2; Mat. 3:16) ou do homem (Gên. 41:8; 1. Cor. 5:5). Porque o homem é *espírito* ele pode estar consciente de Deus, e comunicar com Deus (Jó 32:8; Sal. 18:28; Prov. 20:27); porque ele é *alma* ele tem consciência de si mesmo (Sal. 13:2; 42:5,6,11); porque ele é *corpo* ele tem, mediante os seus sentidos, consciência do mundo, da matéria (Gên. 1:26)».

28.— Como explicaria o senhor aos espíritas o nascimento de aleijados; os gênios (temperamentos) tão diferentes uns dos outros; a vida difícil, triste e infeliz de certas pessoas; os gênios (talentos); a inteligência precoce de certas crianças; as semelhanças do caráter de certas pessoas com outras de gerações posteriores; a morte dos inocentes, aos milhares, nas castástrofes e flagelos da natureza, as curas e milagres realizados por êles, e as revelações e comunicações de espíritos?

O nascimento de aleijados é algumas vezes a culpa dos pais, e em geral não precisa outra explicação, senão o conhecimento de que um pai não pode ter certeza que o próprio filho não sofrerá pelos pecados dêle. Há outros casos em que os pais não têm culpa alguma (João 6:3), mas em que Deus tenciona conseguir algum fim mais sublime pelo prejuízo físico. Todas estas perguntas supõem que o sofrimento seja prejuízo, mas nem sempre é assim. Pode haver um grande bem espiritual mediante um mal físico. Diferença de temperamento geralmente resulta de influências morais e spiri-

tuais da parte da mãe antes do nascimento do filho, e mostram como ela deve cuidar em ter o espírito sereno, com uma sincera fé em Deus, todo o tempo que espera o nascimento da criança. Por exemplo, uma mulher que vive sempre em brigas com o marido, não deve estranhar que o filho tenha um gênio mau. A vida pode ser difícil e até infeliz, mas nem por isso precisa ser triste. As dificuldades são feitas para serem vencidas, e na luta desenvolve-se o caráter, que sómente assim pode ser robustecido. Conta-se que os suíços das montanhas são mais corajosos que os das planícies porque se acostumam a lutar com as dificuldades e a vencê-las. *Inteligência precoce de certas crianças* — também resulta de certas influências na gravidez. *Semelhanças de caráter* — não são para estranhar: o mais estranho é a infinita variedade de caráter entre os seres humanos, de maneira que é impossível encontrar dois iguais em tudo. *Morte dos inocentes*. Veja-se a resposta ao no. 14. Qual é o maior mal: a morte dos inocentes, ou serem eles criados na incredulidade? *Curas e milagres dos espíritas*. Cada caso precisa ser examinado separadamente para se poder apreciar o seu valor, mas se eu quero uma cura milagrosa, tenho mais fé em DEUS para fazê-la do que nos espíritos, invocados em desobediência à Sua vontade. Se os crentes tivessem a mesma fé em Deus que os espíritas têm nos seus «mádiuns», veriam maiores milagres do que os dos espíritas. Talvez estas coisas devam nos servir de aviso, para termos tanta fé em Deus como os descrentes têm nos seus «espíritos». «*As revelações e comunicações dos espíritos*». E' de notar que a Bíblia nunca diz que a comunicação com os espíritos é impossível, mas sempre repete que é proibida. Contudo, as supostas comunicações quase nunca satisfazem uma pessoa séria. Nunca revelam qualquer coisa que tenha importância, nunca descobrem qualquer verdade nova. Pode ser que haja comunicações com os mortos em *alguns casos*, feitas expressamente contra a vontade de Deus, mas distinguir as verdadeiras das falsas seria difícil, e, visto que se trata de um assunto proibido para o crente, é fácil recusar tocar nêle de maneira alguma. Na Vida do filósofo Swedenborg lemos que ele teve extraordinárias comunicações de «anjos» ou de outros seres espirituais. Mas ele estava longe de ser um cristão ortodoxo.

29. — *As proezas pueris de Sansão foram feitas com a vontade de Deus? Ele representa nessas façanhas a vontade divina?*

Sansão era um homem muito carnal, mas em algumas coisas ele serviu a vontade de Deus: tendo libertado o Seu povo das mãos dos filisteus algumas vezes. Deus às vezes serve-Se de instruções bem estranhos, mas não podemos dizer que tudo quanto fazem seja segundo a vontade dEle. Por exemplo: Nabucodonozor

era um flagelo de Deus para castigar o Seu povo rebelde, mas isso não quer dizer que tudo o que N. fêz fosse de acordo com a vontade divina.

30. — *Tiago 1:5. Que quer dizer a palavra «sabedoria» aqui?*

Veja-se cap. 3:17.

31. — *1. João 5:7,8. Temos no v. 7 a revelação da Trindade? «Palavra» é Jesus? No v. 8a que se referem as palavras «água» e «sangue»?*

Aqui temos um bem conhecido acréscimo à Palavra inspirada. As palavras «...no céu: o Pae, a Palavra e o Espírito Santo; e êstes três são um. E três são os que testificam na terra» devem ser omitidas, como na Versão Brasileira. Resulta então o seguinte: «E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade. Pois tres são os que dão testemunho, o Espírito, a água e o sangue, e êstes três concordam»

Assim «Palavra» desaparece. O «sangue» evidentemente é o sangue de Jesus, derramado na cruz. O sentido da palavra «água» é problemático. Pode ser uma alusão à «água» que saiu do lado do Senhor, ou pode ser a «água» da Palavra de Deus (Ef. 5:26). É um ponto que devo deixar indeterminado.

32. — *A Santa Ceia é simplesmente um ato comemorativo, ou um meio de graça?*

As duas coisas, quando ela é recebida devidamente, mas tudo depende disso, pois em si o mero ato de tomar os elementos sagrados nada adianta, no caso de não haver uma apreciação espiritual do significado. Escusado é dizer que na Santa Ceia não há graça salvadora. O crente deve alimentar a sua alma com Cristo (João 6:51) e disso a Ceia é apenas uma figura. Um rito, assim como uma nota do Banco, não tem valor em si mesmo; o valor está naquilo que ele representa.

33. — *Cristo morreu numa sexta-feira? Se morreu, como passou três noites na sepultura?*

E' outro trecho difícil. Tenho lido uma explicação muito engenhosa pretendendo mostrar que Cristo morreu na quinta e não na sexta-feira. Se não me engano o Dr. Torrey tem alguma coisa sobre o assunto. A explicação comum: que entre os judeus era costume falar de «um dia-e-noite» como uma unidade, não satisfaz a linguagem de Mat. 12:40, que fala explicitamente de «três dias e três noites». Aceitando o caso da crucificação ser na sexta-feira, poderemos, porventura, admitir a idéia do prazo ter sido abreviado, pela vontade divina?

34. — *Dizem os célicos que é impossível a ressurreição dos*

corpos, pois êstes não existirão mais no Segundo Advento de Jesus. Que lhes responderia o irmão?

Que a matéria é eterna, como o próprio cético admite. Não posso dizer que seria mais difícil para a onipotência reunir os elementos físicos de um corpo derretido há dois mil anos, do que arrebatá-lo depois desse corpo ao encontro do Senhor nos ares. Contudo não somos obrigados a afirmar uma ressurreição material. Em 1. Cor. 15:44 distingue-se entre o corpo animal que temos e o corpo espiritual que teremos.

35. — (a) *Crê o irmão que o milênio seja antes ou depois da Vinda de Cristo?* Depois. Não me recordo de nenhuma passagem da Palavra que dê a entender que Cristo há de reinar por mil anos sobre este mundo (Apoc. 20:4) antes de voltar para Ele. (b) *Passaremos o milênio na terra ou nos ares* (1. Tess 4:17)? Não posso dizer, mas «estaremos sempre com o Senhor». É um problema interessante, mas creio que tem que ficar indeterminado. (c) *A nossa «cidade será no céu».* Que deduz das referências a este respeito? Se o irmão se refere a Fil. 3:20, esse versículo fala de alguma coisa que «está» atualmente, não que «será» no futuro. Nem se refere a uma cidade, mas melhor a uma «pátria», como na V.B.; ou, melhor ainda, «política» (o grego é *politeuma*, uma palavra que importa «direitos» de cidadão). (d) *O monte das Oliveiras* (Zac. 14:4) *será o ponto em que Jesus pisará na terra?* Sim. (e) *Antes da ressurreição, nossa alma gozará, na presença de Jesus, da mesma felicidade que depois?* De felicidade, sim, mas não da mesma, pois sem o corpo o crente não pode gozar plenamente. Contudo, o assunto tem suas dificuldades. (f) *Por que, então, fala tanto o apóstolo da ressurreição, e nem de leve se refere da comunhão da alma com Cristo antes da ressurreição?* (1. Cor. 15:18-20, 51, 52; 1. Tess. 4:13-18). Mas Ele fala também do estado do crente depois da morte e antes da ressurreição: Fil. 1:23; 2. Cor. 5:8.

36. — *Deus pode arrepender-se?* Sim, e não. «Aquêle que é a força de Israel não mente nem se arrepende; porquanto não é um homem para que se arrependa» (1. Sam. 15:29). Isso quer dizer que Deus não é mutável como os homens, mas a Sua palavra é firme e certa. Contudo: «Se a tal nação... se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que lhe cuidava fazer» e, pelo contrário: «Se fizer o mal diante dos meus olhos... então me arrependerei do bem que tinha dito lhe faria» (Jer. 18:8-10). Em Ex. 32:14 Deus mudou de propósito para dar valor à intercessão de Moisés, e neste sentido arrependeu-Se, isto é, deixou de castigar a Israel.

37. — Mat. 8:22. *Peço explicar esta passagem.* Não convinha falar dos mortos na presença do Senhor da Vida. Cristo requer o supremo lugar nas afeições dos Seus discípulos. O tal discípulo

estava preso pelos laços de família, e o Senhor Jesus quis ganhar a sua inteira devoção.

38. — O corpo no inferno ? O corpo do crente em ressurreição será um corpo espiritual (1. Cor. 15:44). A Escritura nada nos revela com respeito ao «corpo» do descrente na ressurreição dos injustos.

39. — Mar. 11:27 e João 6:44. Referem-se à predestinação ?

Não expressamente, mas talvez indiretamente. A verdade acentuada aqui é outra.

40. — Mar. 2:28. Quer Cristo dizer aqui que Ele tem autoridade para mudar o sábado para o domingo, como afirmam ?

Não. Tal mudança de sábado em domingo nunca se encontra na Bíblia. O caráter dos dois dias é essencialmente diferente. O sábado é no fim da semana : descanso depois de ter trabalhado, de acordo com o ensino do V. T. O domingo é o primeiro dia da semana, e no poder desse dia passado em ocupação com Cristo em ressurreição (João 20:19,26) podemos trabalhar toda a semana no Seu serviço. Descansar no sábado era ordenado aos judeus por uma lei divina. A guarda do domingo não obedece qualquer lei (Rom. 15:5)

41. — Mat. 12:20. Qual a sua significação ?

Não é uma Escritura muito fácil de se lhe afirmar o sentido. Do «Meu servo» se dizem cinco coisas que não fará e duas que fará : «anunciará aos gentios o juízo» e «fará triunfar o juízo». As cinco negativas todas combinam no sentido de um serviço quieto, sem ruído nem violência. Creio que devemos tomar o v. 20 no mesmo sentido, e, sendo assim, contém um precioso exemplo para nós : que, encontrando alguém parecido com uma cana quebrada ou o morrão que fumega, devemos tratar dele tão delicadamente que não apaguemos esse resto de vida que nêle ainda se manifesta.

42 — Mat. 12:43 45. Qual a sua significação ?

Geralmente toma-se no sentido de Israel, voltando do capivaro na Babilônia, ter encontrado a sua casa (terra) varrida da idolatria (que nunca mais praticou até hoje), mas longe de melhorar espiritualmente, ele tomou sete espíritos piores ainda, e ficou em tal ponto de perversidade que crucificou o seu Messias. Assim não vale nada «varrer a casa» se o estado espiritual não melhora.

43. — Mat. 24:15-20. Referem-se êstes versículos à Vinda do Senhor e à destruição de Jerusalém ? Que se entende dos 16,17,18, 19 e 20 ?

A interpretação do Dr. Scofield parece ser a mais satisfatória. Diz ele: «Mat. 24 com Luc. 11:20-24 respondem à tríplice pergunta de Mat. 24:3, Primeira pergunta : «Quando serão essas coisas ?» isto é, a destruição do templo e da cidade. Resposta em Luc.

21:20-24. Segunda e terceira perguntas: «E que sinal haverá da Tua vinda e do fim do século?» Resposta Mat. 24:4-33. Os vs. 4:14 têm uma interpretação dupla: (1) Eles dão o caráter do século - guerras, conflitos internacionais, fomes, pestes, perseguições e falsos cristos (Dan. 9:26). Ora isto não descreve um mundo convertido. (2) Mas a mesma resposta (vs. 4-14), aplica-se de uma maneira especial ao fim da época, isto é à setuagesima semana de Dan. 9:24-27. Tudo o que tem caracterizado a época aparece com mais intensidade no fim dela. O versículo 14 refere-se expressamente à proclamação das boas novas de que o Reino está próximo, essa pregação sendo feita pelo restante judaíco (Isa. 1:9; Apoc. 14:6,7; Rom. 11:5). O versículo 15 dá o sinal da abominação (Dan. 9:27) — o homem do pecado, ou a Bêsta (2. Tess. 2:3-8; Dan. 9:27; 12:10; Apoc. 13:4-7).»

44. — Mat. 25:21 e 24. Qual a sua significação?

O versículo 21 refere-se ao fato de os crentes terem parte no governo deste mundo no milênio, como galardão pelo seu fiel serviço durante o tempo presente, v. 24. O servo devia ter agido de acordo com o seu conhecimento do seu senhor (um conhecimento talvez errado), mas não fazendo assim, foi reprovado. Note que tudo isto se refere aos tempos do fim, quando o Evangelho da graça não será mais pregado, mas sim o Evangelho do reino. Por isso o galardão é segundo a fidelidade do servo e não segundo a graça do Senhor.

45. — Luc. 13:32. Qual a sua significação? Por que usa Jesus Cristo a expressão «rapôsa»?

Naturalmente usou a palavra porque julgou o caráter de Herodes de acordo com o caráter da rapôsa: uma criatura geralmente tida por util, sagaz e aventureira. Não sei se os dias referidos são para tomar ao pé da letra, ou se são «mais ou menos».

46. — Luc. 16:1-13. Não entendo esta parábola.

Talvez seja a parábola mais discutida e que mais vezes aparece para ser explicada. E por minha parte não posso dizer que tenha encontrado uma explicação totalmente satisfatória. O erudito Dr. Bullinger deu uma interessante tradução nova do versículo 9: «E eu, porventura, vos digo: Granjeai amigos com as riquezas da injustiça, para que quando necessitardes (ou, quando êles faltarem) vos recebam nos tabernáculos eternos? Não. Quem é fiel no mínimo, etc.» Contudo, não sou competente para dizer quanta razão ele tenha para assim traduzir. Ele diz que o «não», que no original não se encontra, subentende-se do argumento.

Podemos notar alguns pontos para ajudarem a uma melhor compreensão da parábola. Não sabemos nada da natureza do contrato entre o mordomo e o seu senhor, e esse conhecimento é essencial para compreendermos o caráter moral dêle. Ele foi lou-

vado, não por Deus mas pelo seu patrão, por haver procedido prudentemente (não retamente). Ele certamente não se mostrou exigente. Quis sacrificar alguma coisa presentemente, que podia ter exigido, afim de ter o que lhe era necessário mais tarde. Por isso modificou o compromisso dos devedores do seu senhor. Podemos quase ter a certeza que essa modificação não deu prejuízo ao patrão, pois que se assim tivesse sido, seria mais natural o patrão falar do prejuízo que teve e não da prudência do servo.

E' preciso sempre notar que se trata de um dos filhos d'este mundo, que, contudo, mostrou-se ser prudente em providenciar para o futuro. E os filhos da luz, parecem às vezes, menos prudentes e precavidos.

47. — *Luc. 22:31 . . . ?*

A única parte d'este versículo que parece necessitar de alguma explicação são as palavras «*Satanás vos pediu.*» Pode ser que seja parecido com Jó 2:3 — «*Havendo-me tu incitado contra élle, para o consumir sem causa.*»

48. — *João 4:10. «Dom de Deus» ? . . .*

Pois, Cristo, o Messias prometido, era o «*dom de Deus*», mas a mulher por enquanto não O estava conhecendo.

49. — *João 6:53-58. A «carne» e o «pão» referem-se ao Seu corpo «moído por nós», e o «sangue» ao Seu sangue remidor ?*

Aqui temos uma figura original. A carne e o sangue separados importam a morte da Vítima, «comer e beber» significando uma verdadeira aceitação do valor da morte de Cristo. Uma apropriação espiritual, parecida com a apropriação da carne por quem come dela.

50. — *João 7:7. «Não vos aborrece» ? E João 15:19 ?*

Lendo o versículo 19 ambas as passagens ficam inteligíveis: «*Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu.*» Jesus disse aos Seus irmãos: «*O mundo não vos pode aborrecer*» porque êles mesmos eram mundanos.

51. — *Mat. 13:9. Que quer dizer Cristo com estas palavras ?*

Parece ser um apêlo às consciências dos Seus ouvintes. Com certeza todos tinham ouvidos naturais para ouvirem a voz d'Ele, mas alguns estavam no caso das pessoas repreendidas em João 8:47 — «*Vós não escutais as palavras de Deus, porque não sois de Deus.*»

52. — *João 3:8 . . . ?*

Este versículo afirma que o Novo Nascimento é uma coisa misteriosa, à semelhança do vento, que os Seus ouvintes não sabiam explicar, nem a sua origem nem o seu paradeiro.

53. — *1. Ped. 3:19,20 . . . ?*

Este versículo é mais inteligível, subentendendo-se a palavra «agora» no meio dêle. «No qual também foi, e pregou aos espíritos (agora) em prisão.» O Espírito de Cristo em Noé, um pregador da justiça, evangelizava o mundo de então durante o tempo em que a arca estava sendo construída. Eles não deram ouvidos, e agora os seus espíritos estão na «prisão».

Esta é uma explicação bem antiga: creio que é de S. Agostinho, e não tenho achado nenhuma melhor por enquanto.

54. — Judas 9 . . . ?

Um incidente recordado sómente aqui, de maneira que tudo o que sabemos a seu respeito encontra-se nesse mesmo verículo.

55. — Como justificar o casamento de Oséias ?

Pode haver circunstâncias não recordadas no caso, que modificariam a nossa impressão do seu caráter. Achei a seguinte nota na minha Bíblia: «Oséias 3:1,2. O incidente não recordado é que a mulher tinha sido obrigada a deixar a casa do profeta e a ficar escrava de outro. O profeta é mandado renovar o seu amor para com ela. Isso êle faz, e a resgata por um pequeno pagamento.»

56. — Moisés foi sepultado ou trasladado ? Qual a sua opinião ?

Ele foi sepultado por Deus «num vale, na terra de Moab, defronte de Betpeor» (Deut. 34:6).

58. — João 12:44 . . . ?

O Senhor Jesus, como perfeito representante do Pai, quis levar os pensamentos dos discípulos adiante, para não se ocuparem só com Ele mas reconhecerem que atrás d'Ele estava o Pai, e toda a confiança depositada no Filho equivalia a uma confiança no Pai. Um caixeiro viajante pode dizer: «Quem negocia comigo, negocia com a casa mais forte do Brasil», porque fala do nome de quem êle representa.

59. — Lucas 19:21 . . . ?

O servo «maligno» devia ter procedido de acordo com a sua compreensão do seu senhor (ainda que fôsse uma compreensão incorreta). E quem entende que Deus é severo e exigente, precisa proceder de acordo com isso. Se não, que pode esperar, a não ser o castigo ?

60. — Lucas 18:42 . . . ?

E' como se o médico dissesse ao convalescente: «A tua fé em mim te curou», ao mesmo tempo que sabe que não foi a fé mas o remédio que curou a pessoa. Mas sem a fé não teria tomado o remédio, por isso, em um sentido, a sua fé o curou.

61. — 1. Cor. 11:30 . . . ?

Fracos e doentes fisicamente; «dormem», quer dizer que já morreram alguns dos tais doentes.

62. — 1. Cor. 12:8. Que se entende na Bíblia pela palavra «ciência», que é tantas vezes repetida?

A palavra grega é *gnosis*: conhecimento, ciência, doutrina, sabedoria. Não podemos limitar a palavra a um só sentido.

63. — 1. Cor. 13:9-12...?

Afirma que todo o conhecimento atual é incompleto, mas que no futuro «conheceremos como somos conhecidos». Não noto qualquer dificuldade na passagem.

64. — 1. Cor. 15:29...? Batizados pelos MORTOS?

Aqui temos mais um dos grandes problemas da Palavra inspirada. Não acho aceitável a explicação comum: que foram batizados para preencher as vagas deixadas nas fileiras cristãs pelo falecimento ou martírio de outros crentes. Não me consta que o batismo de algum crente primitivo tivesse que esperar uma «vaga» assim formada. Muito pelo contrário, creio que a pessoa era batizada sem referência alguma a outros crentes vivos ou falecidos. A preposição é *huper*: «sobre» ou «por».

Para entender a passagem é preciso notar que os versículos 20 a 28 formam um parêntese. O argumento do v. 19 continua no v. 29. O apóstolo está discutindo todos os prejuízos dos crentes na suposição de que não haja ressurreição. Além dos já mencionados nos vs. 14-19 ele se lembra de acrescentar: «Que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Pois por que se batizam pelos mortos?»

O batismo nos coloca com os mortos; mais expressamente com Cristo morto, e com todos os outros que foram sepultados pelo batismo na semelhança da Sua morte. Mas se não há ressurreição, para que serve sermos identificados com gente morta? A dificuldade está no plural da palavra «mortos». Mas creio que o apóstolo está generalizando aqui e notando que não há vantagem em sermos chefiados por pessoas falecidas, porque precisamos um vivo Capitão da nossa salvação.

Não sei se esta explicação lhe satisfará, mas é a melhor que tenho encontrado.

65. — Como se explica o caso de Balaão? Por que foi morto?

«Balaão é o tipo do profeta que quer um bom preço pelo seu dom. Este é o caminho de Balaão (2 Ped. 2:15) e é característico dos falsos ensinadores. O erro de Balaão (Judas 11) foi que ele não viu mais que a moralidade natural — um Deus santo, segundo a idéia d'ele, não podia deixar de amaldiçoar um povo tal como Israel. Como todos os ensinadores falsos, ele ignorava a moralidade mais

sublime de uma explaçāo substituente, pela qual Deus pode ser justo e também o justificador de pecadores crentes (Rom. 3:26). A doutrina de Balaão (Apoc 2:14) refere-se ao seu ensino a Balaque de como podia corromper o povo que não podia amaldiçoar (Núm. 31:16 com Núm 25:1-3 e Tiago 4:4). (Scofield). Foi morto porque se aliou com os inimigos do povo de Deus, e por isso partilhou da sorte dēles.

66. — Efés. 4:11; Rom. 12:7-8; 1. Cor. 12:28. Estes dons são perpetuados ainda hoje?

Alguns dēles, com certeza. Talvez todos em alguma medida, mas os «dons sinais» pertenciam mais expressamente ao comēço do Evangelho, e não podemos estranhar que pouco aparecem hoje. O dom de línguas, ao que se pode ver, tem desaparecido quase por completo: nunca ouvi de nenhum caso de alguém ministrar com inteligência e proveito em uma língua que não conhecia. E, contudo, os Pentecostais fazem muita questão de que todos os seus adeptos tenham êsse dom! Quando pensamos em dons milagrosos, devemos sempre recordar-nos da decadēncia da Igreja, e de que Deus não há de abençoar com tantos sinais uma Igreja decadente e dividida como abençoou a Igreja primitiva e unida, em todo o fervor do seu primeiro amor.

67 — 1. Cor. 14:29. Assim como cessaram certos dons, as manifestações extraordinárias do Espírito Santo, não cessou também o dom dos «profetas», de falarem «para aperfeiçoamento dos santos» nas reuniões dos crentes?

Pode ter cessado, ou pode ter escasseado, devido à falta de exercícios; mas a experiência provará. Durante mais de 40 anos tenho freqüentado reuniões onde há liberdade para o exercício dos dons que houver disponíveis nas igrejas locais, e ser-me-ia difícil acreditar que tenham cessado inteiramente. Um dos dons mais fáceis de verificar é o de evangelista. Tenho ouvido de um moço analfabeto no Estado de S. Paulo com um dom mui notável de converter gente, citando as Escrituras de memória, e com um verdadeiro entusiasmo pela conversão dos seus semelhantes. Como evangelista êsse moço valia muito mais do que muitos sábios doutores-bispos.

Ainda em relação a êste assunto dos dons, lembro-me que devemos desejar ardēntemente os melhores dons, mas se êles todos cessaram não vale a pena deseja-los. Porém: o que é o dom de alguém? Um crente velho e instruído disse que o dom da pessoa é «a impressão que essa pessoa tem de Cristo». O evangelista está ocupado com Cristo como o caminho para Deus: que só por Ele podem os homens voltar ao seu Criador. O ensinador está ocupado com Cristo como a verdade: que nEle estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e ciéncia. O pastor lembra-se de Cristo como

a vida, e procura ver as verdades apresentadas pelo «ensinador» interpretadas nas vidas dos crentes. Por isso o serviço d'ele pode muito bem ser melhor prestado nas casas dos irmãos do que na Igreja. Acho êste dom de «pastor» um dos mais preciosos e importantes, como também um dos mais raros.

68. — Qual é a sua opinião a respeito dos milagres? Perpetuam-se? Não os fazemos porque cessaram, ou porque nos falta a fé para tanto?

Mais por esta última razão. Tôda a vida do crente que anda com Deus será como que um milagre contínuo. Nunca quero limitar o que Deus pode fazer ainda hoje, embora pouca experiência tenha do milagroso.

69. — A ordem de Mat. 28:19-20 foi dada só aos apóstolos ou a eles e outros irmãos? Foi dada mais de uma vez, ou não? Do monte das Oliveiras ou não? (Atos 1:8).

A ordem de fazer discípulos de tôdas as nações foi dada sómente em Mat. Em Mar. 16:15 é de pregar o Evangelho; em Luc. 24:47 é de pregar o arrependimento e a remissão dos pecados. Atos 1:8 parece ser a mesma ocasião que Mat. mas a linguagem é diferente.

70. — (a) O vinho que Jesus tomava e o de I. Tim. 5:23 continha álcool? Provavelmente. (b) Peca o crente bebendo cerveja ou vinho uma vez ou outra? Conforme o caso. Veja-se 71.

71. — Peca o crente que fuma?

Sim, e não. Não podemos classificar tôdas as ações em dois grupos de «pecados» e «não pecados». O que não é de fé é pecado. Isto quer dizer, qualquer ação que não temos aprendido com Deus, que não temos a convicção de ser a vontade d'Ele, é pecado. Para saber se uma coisa é pecado ou não, precisamos saber o motivo da ação. Devemos fazer tudo para a glória de Deus, e se o crente entende que é para a glória de Deus que ele fuma, para ele não é pecado fumar, ainda que o seja para outra pessoa. A prova de ele poder fazê-lo para a glória de Deus, é ele poder dar graças por isso e pedir a bênção de Deus sobre seu cigarro. Em todo caso, nunca recebi nenhum auxílio espiritual de um crente que fuma, nem mesmo espero recebê-lo. A mesma resposta aplica-se ao assunto de beber vinho. Mas aí acresce mais uma circunstância: a bebedia tem sido a ruína de milhares, mas, se nós sentimos a necessidade de usá-la por motivos de saúde (como Timóteo), podemos fazê-lo sem repugnância. Há muitos anos que resolvi nunca beber vinho por mero prazer; mas algumas vezes o tenho tomado como remédio.

72. — Pode dar-se o caso de um filho de crentes, membro da Igreja, que crê sinceramente em Jesus e constantemente ora e lê a Bíblia, não ser ainda realmente convertido, regenerado e santificado? A conversão não pode ser às vezes paulatina neste caso?

Pode, sim. A conversão importa uma transformação do nosso ser espiritual, que infelizmente nem sempre se realiza ao começo. Pedro, um verdadeiro crente, necessitava ser convertido novamente (Luc. 22:32). A santificação, no seu sentido prático, leva toda a vida a aperfeiçoar-se (1 Tess. 5:23), mas a regeneração, se isso quer dizer novo nascimento, é o primeiro acontecimento da vida espiritual de um filho de Deus.

O caso de um filho de crentes é um caso muito especial, pelo motivo de que ele tem sido sempre criado no Evangelho e suavemente encaminhado nas coisas espirituais, de modo que está acostumado com elas sem conhecer ainda o seu valor verdadeiro. Que significa para eles as palavras «Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo» se ele ainda não tem sido abalado, por assim dizer, por nenhum terremoto? A palavra «salvação» pouco sentido tem para quem ainda não se sentiu perdido.

73. — Um «crente» que não consiga dominar as suas paixões carnais, os pecados na carne, os sentimentos e desejos maus, embora creia no Evangelho com toda a sinceridade, e reconheça os seus pecados e busque o socorro do Alto, estará convertido e salvo?

Convertido, talvez, se o seu olhar agora, em vez de se voltar para o mundo, está fitado em Deus. Salvo, sim, em um sentido, porque a salvação é uma palavra de muito alcance. Eu prefereria empregar aqui a palavra justificado, uma palavra que tem um sentido mais limitado e preciso do que salvo. E agora poderei passar adiante e dizer que já respondi à pergunta; mas não desejo assim fazer. Não pergunto quem é esse «crente», porque pode-me dizer que seu nome é Legião; mas, quem quer que seja, devo reconhecer que, além de responder à pergunta, preciso aconselhar e animar a pessoa.

O certo é que esta pergunta revela o mais freqüente e mais triste conflito da vida cristã; freqüente, porque a carne está em todos nós, e a carne não é convertida, mas condenada (Rom. 8:3), porém ela não quer aceitar essa condenação. Triste, porque tem de ser travado sózinho, sem o auxílio de amigos na hora da angústia, nem o seu aplauso na vitória. Duplamente triste por ser desnecessário, pois o crente que vive deveras perto do seu Salvador está reforçado contra as solicitações da sua carne. Contudo, Deus nos conhece, sabe como e quando somos tentados; e quanto mais sentimos a nossa fraqueza na luta, mais convencidos somos de que necessitamos de um Salvador.

74. — Qual a sua opinião a respeito do «Exército de Salvação»? Extraordinárias conversões têm-se efetuado por seu intermédio? E da Associação Cristã de Moços?

Discrimino entre o «Exército» e os membros dêle. Existe

neste mundo uma instituição suficiente para todo o serviço cristão, que é a Igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade (1. Tim. 3:15). Se ela fôsse fiel às suas obrigações, não seria preciso formar outra qualquer sociedade para os mesmos fins. Mas ela não tem sido fiel, e por isso há lugar para muitas outras organizações, Exércitos, A. C. M., etc., etc. Não aprovo de maneira alguma o E. de S.. que é um despotismo em estilo militar no meio do cristianismo evangélico, dispondo absolutamente dos seus membros com uma disciplina autocrática, em completo desprezo de 1 Cor. 5, onde vemos que a disciplina é exercitada por toda a Igreja local, e não por um «general» absoluto.

Contudo, nesse Exército há muitos fiéis servos de Deus, que são abençoados por Ele, de acordo com a sua obediência à vontade divina — e não de acordo com a sua obediência ao General. Não encaro a A. C. M. tanto como uma instituição religiosa; mas com certeza tem muito valor moral e instrutivo entre a mocidade.

75. — 2. Tim. 2:4. Costumam citar esta passagem para provar que o «ministro do Evangelho» não deve ter outra ocupação a não ser a do ministério. Que queria Paulo afirmar aqui? Aquêle que fôr chamado para o trabalho do Senhor (vocação esta provada), não dispondo de recursos, não pode ter a sua profissão e trabalhar ao mesmo tempo no Evangelho, dando a êste trabalho mais tempo e energia? Não caem numa falta aquêles que, por desejarem trabalhar só para o Senhor, não têm recurso para o sustento, comodidade e instrução de sua família?

A Escritura citada diz: «Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida». Disto aprendemos a importância de o crente chamado para o ministério fugir de tudo que seja um embaraço para êle no seu serviço. Não diz que êle «não se ocupa» com serviços materiais. Sabemos que o próprio apóstolo ocupava-se de vez em quando com seu ofício, mas o seu principal serviço era pregar o Evangelho de Deus. Mas há muita diferença entre um pregador que faz tendas, e um fabricante de tendas que às vezes prega. Muitos crentes pouco dotados podem estar neste último caso; alguns como o apóstolo e Timóteo, estão no primeiro. Contudo, cada servo de Deus que tem ouvido a chamada para o ministério da Palavra precisa ter todo cuidado de que a sua ocupação material não lhe sirva de embaraço. O apóstolo, longe de sentir-se embarracado no seu ministério pelo trabalho manual, encarava-o como parte do seu testemunho. Ele disse aos anciãos de Éfeso: «Tenho vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, etc.» Mas nem sempre pode ser assim. Especialmente os missionários no interior da África, onde o calor é muito, não podem ocupar-se muito com trabalhos manuais. No caso de um pregador do Evangelho não receber o suficiente em donativos dos crentes para o sustento da sua família, êle deve ver nisso

uma prova de que Deus quer que ele se ocupe também com outro serviço que possa ajudar nas suas despesas.

76. — Afinal é lícito ou não comprar no Domingo? Há tantos que não sómente compram como trabalham. Comprando, não estamos fazendo outros trabalhar, e nós negociando?

Visto que não estamos debaixo da lei, é difícil encarar o assunto de um ponto de vista legal («é lícito»). O crente espiritual fugirá de todas estas coisas: compras, vendas e trabalhos aos Domingos. Mas se ele as praticar, não está transgredindo nenhuma lei, porque ele não está debaixo da lei mas debaixo da graça. Porém em todas estas coisas ele precisa consultar a vontade de Deus, e também pensar nas consciências dos seus irmãos. Todas as denominações evangélicas colocam os seus convertidos debaixo da Lei dos dez mandamentos, e depois queixam-se que uma porcentagem deles são apanhados pelos Sabatistas! Nada mais natural! Todos os que estão debaixo da Lei de Moisés têm obrigação de guardar o Sábado e não o Domingo.

77. Os anjos têm corpo no céu? Se têm, é semelhante ao nosso? Que espécie de corpo teremos na ressurreição? material? com as formas que hoje o nosso tem? Reconhecer-nos-emos no céu? A matéria pode ser eterna?

Não posso dizer nada sobre o estado dos anjos no céu, mas na terra apareciam várias vezes em forma humana (Gên. 19:1). Teremos «corpo espiritual» (1 Cor. 15:44), e parece-me ser provável que terá a forma que hoje o nosso tem. Sim, reconhecer-nos-emos no céu, porque o nosso conhecimento futuro será maior e não menor do que o de agora (1 Cor. 13:9-10). Os cientistas nos dizem que a matéria é eterna; mas o assunto tem as suas dificuldades. A palavra «eterna» inclui muita coisa

78. — Rom. 5:14. Desde Adão até Moisés, por que?

E' preciso continuar a leitura para apanhar o sentido da passagem: «Mas a morte reinou desde Adão até Moisés, até (ou ainda) sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão». O argumento do apóstolo é que mesmo antes da lei o pecado estava no mundo, porém o pecado não é imputado como transgressão onde transgressores, eram pecadores, e a prova disso é que a morte reicaracter do de Adão: uma transgressão. De Israel, Oseias podia dizer: «Porém eles trespassaram o concerto como Adão» (6:7), e assim não sómente eram pecadores mas transgressores também.

79. — Os índios, que nunca ouviram o Evangelho, perder-se-ão?

Em qualquer nação os que temem a Deus e obram a justiça são agradáveis a Deus. A pena é que sejam tão poucos, pois a maioria dos homens ama os seus pecados. A criança recém-nascida quase inconscientemente chama pela mãe nos seus momentos de necessidade, e o índio talvez faça uma coisa parecida, apelando para Deus sem verdadeiramente O conhecer. Se há castigo futuro para os índios impenitentes, não será tão grande como o castigo de gentes mais instruídas e mais responsáveis que rejeitam o Evangelho. Lemos de «muitos açoites» e «poucos açoites» (Luc. 12:47,48).

80. — Os remidos no céu orarão pelos da terra? Apoc. 5:8.

Este versículo não o diz, nem posso eu dizer-lo tão pouco.

81. — Sei que se deve orar pela conversão dos pecadores. Mas encontro aqui uma coisa incompreensível. Deus salvará Fulano porque eu oro por ele? Se ele não tivesse as minhas orações, perder-se-ia?

O assunto tem as suas dificuldades. E'-nos permitido o privilégio da oração, em parte para termos comunhão com Deus nos Seus propósitos. Nunca devemos pensar que o valor da oração é para vencer a pouca vontade de Deus na salvação dos homens. Deus Se tem mostrado infinitamente mais desejoso pela salvação dos pecadores do que nós o somos. Não posso dizer que Fulano se perderia se não tivesse as orações do irmão. Mas se fôsse revelado que toda oração pela conversão dos descrentes é uma coisa inútil e desnecessária, nós havíamos de sentir-nos privados de uma preciosa cooperação com Deus na Sua obra de salvar os homens.

82. — Devo derramar o meu sangue e matar em defesa da Pátria?

As vezes é preciso que haja derramamento de sangue e até matança neste mundo, mas nem todos igualmente servem para matadores. Admitindo que é preciso matar vacas e bois, ninguém diria que uma senhorita delicada estivesse no caso de ser a matadora, porque fora da matança há outros serviços mais de acordo com o caráter e índole de uma mulher. Assim também na guerra, há serviços mais de acordo com a índole do crente do que matar: por exemplo, os serviços da Cruz Vermelha. O nosso zêlo deve ser mais pelo direito e pela humanidade do que pela Pátria.

Saudações.

* * *

Mutum, Minas

1-xi-1923

Prezado irmão J. A.,

Saudações no Senhor Jesus. Estou ouvindo que há alguns irmãos que ensinam que, logo que acaba a Ceia do Senhor e se faz a Coleta, a reunião está terminada, e não há mais nada que fazer senão irem-se embora.

Ao meu ver, isso é uma idéia muito errada. E' verdade que nas várias denominações a Ceia é colocada geralmente ao fim da reunião, mas a Palavra de Deus nada determina nesse sentido.

Em todo caso, devemos fugir de fazer regras que não são bíblicas, porque não serão aceitas por todos os crentes, e o resultado final pode ser a divisão entre os que aceitam a regra e os que não a aceitam.

Na Reunião da Ceia esperamos provar a direção do Espírito Santo em todo o serviço: nos hinos indicados para cantar, nas ações de graças e louvores a Deus, como também no ato de tomarmos os símbolos do corpo e do sangue do Senhor — guiando-nos com respeito à maneira e ao momento em que se deve realizar esse precioso ato.

Longe de pensar, porém, que esse ato seja sempre no fim do serviço, acho mais provável que pertencerá ao princípio. Lemos em 1. Cor. 10:17. «Nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo». Assim vemos que a Ceia do Senhor simboliza não sómente o próprio corpo e sangue do Senhor Jesus, mas também o Seu Corpo místico, que é a Igreja. Quando «todos participamos do mesmo pão» isso significa, entre outras coisas, que nós, apesar de sermos individualmente muitos e diversos, nesse ato ficamos sendo uma coisa só: um «pão» ou um «corpo», ou, como se fala em 1. Ped. 2:5, um «sacerdócio». Individualmente somos sacerdotes, mas coletivamente somos um sacerdócio, como individualmente há soldados, os quais reunidos em certas condições, são um regimento ou um exército.

Podemos achar os soldados reunidos em grupos, nos cafés ou cinemas, mas assim reunidos não são regimento. E' sómente quando reunidos de uma certa maneira e sob o comando do coronel que podem agir como um regimento.

Ora, o único ato que conheço que reune os crentes como uma Igreja, que constitui os sacerdotes em um sacerdócio, é a Ceia do Senhor. Nesse ato os «muitos» são «um». Até realizar-se a Ceia do Senhor, não me parece que a Igreja esteja formada como

um sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais. Por isso considero a Ceia mais própria no começo da reunião do que no fim; como o ponto de partida de nosso culto a Deus e não o final dêle. Não digo que deve ser positivamente a primeira coisa, porque muitas vezes os ânimos dos crentes não estão preparados para êsse ato logo que entram no salão; mas também não creio que pertencerá ao fim, como se fosse uma coisa quase esquecida durante toda a reunião.

«Mais bem-aventurado é dar do que receber», mas não podemos dar a Deus devidamente os nossos louvores sem termos primeiro recebido d'Ele alguma bênção espiritual. Na Ceia recebemos, e, tendo recebido, podemos dar. Este é o distintivo do Cristianismo, receber de Deus as Suas bênçãos, para depois dar-Lhe os nossos serviços e os nossos louvores. No judaísmo era o contrário: o israelita servia a Deus na esperança de, no fim, ganhar a Sua bênção. Por isso, colocar a Ceia ao fim do serviço me parece ser mais de acordo com o caráter do judaísmo do que do Evangelho.

Saudações no Senhor Jesus.

* * *

Carta 39

Pregação do Evangelho

Mutum, Minas

11-xii-1923

Prezado irmão N. N.,

Recebi ontem a sua apreciável carta do dia 1 do corrente, e acho interessante o assunto dela, a saber, se o serviço do Evangelho em uma reunião de pregação obedece às mesmas condições que uma reunião da Igreja, isto é, no que diz respeito ao fato de os irmãos esperarem que o Espírito Santo Se sirva, em dado momento, de qualquer irmão, sem alguma preparação prévia da sua parte?

Respondo que a evangelização é um serviço individual e não coletivo. A Igreja não evangeliza, e o dom do evangelista não é mencionado na lista dos dons que Deus pôs na Igreja (1. Cor. 12:28), ainda que ele figura entre os dons que Cristo, subindo ao alto, deu aos homens (Ef. 4:11).

Mas as Escrituras falam muito sobre o interesse e a cooperação da Igreja toda no trabalho de evangelização (1 Tess. 1:8; Fil. 1:5, etc.), de maneira que não podemos dizer que ela não tenha nada que ver com tal serviço; ela ajudará muito pela assistência de todos os crentes às reuniões e pelo empréstimo do seu salão (se o tem) para o serviço de evangelização.

E no caso de haver um irmão com dom de evangelista na Igreja local, que goze da confiança de todos os crentes, será muito próprio a Igreja ceder-lhe o uso do salão para o seu trabalho, como também cooperar com êle e ajudá-lo pela sua presença.

Contudo, muitas vêzes nas nossas reuniões não há ninguém especialmente dotado para o serviço de evangelização, e então o trabalho muda de caráter. Em vez do salão ser cedido a um que é reconhecido como competente e que aceita a responsabilidade do serviço, pregando constantemente ou convidando outro de sua confiança para pregar, o salão é deixado à disposição de quaisquer outros irmãos que, sem terem notavelmente o dom de evangelistas, podem «fazer a obra de um evangelista» (2. Tim. 4:5), e prestar algum serviço bom e aceitável.

Mas qualquer que prega, ou com muito ou com pouco dom, precisa de *preparo*, sem o qual o serviço dêle será muito inferior a um trabalho preparado com cuidado e oração.

Um irmão com bastante dom poderá com proveito ocupar todo o tempo, e, no caso de seu discurso ser no poder do Espírito Santo, podia ser muito inconveniente outro irmão acrescentar mais palavras, de menor valor, e que poderiam desfazer a profunda impressão do primeiro discurso. Mas é mais freqüente nas nossas reuniões não terem os pregadores dons notáveis, e, ainda que possam falar com proveito por quinze ou vinte minutos, não poderem com vantagem preencher todo o tempo. Assim dá-se o caso de ser bom haver dois ou três dispostos e preparados para tomarem parte no trabalho. Em tôdas estas coisas temos que discriminar entre o ideal de um serviço perfeito, e o *real* de um serviço muito incompleto e imperfeito.

Se esta resposta não satisfaz, peço que me escreva outra vez.

Saudações no Senhor Jesus.

* * *

Carta 40

A Ceia do Senhor

Mutum, Minas

17-II-1924

Prezado irmão F. T.,

Recebi hoje a sua missiva de ontem referente à Ceia do Senhor, e trato de responder sem demora.

E' verdade que em certos lugares remotos há bastante dificuldade em conseguir a Ceia do Senhor por falta de elementos necessários. Lembro-me de uma ocasião em que, procurando umas duas

ou três léguas em redor, não se encontrou nem cálix nem pão nem vinho.

Pergunta-me se é lícito empregar rôsca quando não há pão? Não posso dizer que seja proibido, e se alguém não aprovar, que se comprometa então a ir buscar pão tôdas as semanas à vila. Já vi uma amostra do «pão» que os judeus empregavam na Ceia pascoal: uma coisa mais parecida com uma rôsca do que com o pão francês, que compramos nas padarias. O que tem importância não é o material mas o espiritual; porém, podendo evitar coisas ruins nos elementos consagrados, é melhor. Tenho, às vezes, na Ceia, provado vinho que parece vinagre, e pão feito em casa de alguém, tão pesado que me parecia quase impossível de engulir.

Nestes lugares remotos, nem sempre podemos conseguir a mesma perfeição no serviço que se obtém nas cidades, por isso é preciso muita paciência uns com os outros.

Se os elementos devem seguir da direita para a esquerda, ou vice-versa, não é revelado na Palavra inspirada, por isso não podemos afirmar nada a êsse respeito. Tanto valor tem uma coisa como outra. O costume comum, que não é mencionado na Bíblia, é que as coisas geralmente correm na direção em que o relógio anda.

Receio muito a ocupação com formas e ritos: com a matéria e não com o espírito — que é Cristo. Tenho notado que uma demasiada ocupação com a parte material do serviço tende a depreciar a parte espiritual.

Saudações no Senhor Jesus.

* * *

Carta 41

Coisas Proibidas

Mutum, Minas

3-ii-1924

Prezado irmão,

Recebi hoje a sua carta do dia 8 de Janeiro, perguntando-me se é proibido chegar jumento a égua.

O mais que posso dizer é que foi proibido ao israelita debaixo da Lei (Lev. 19:19), como também foi proibido comer carne de porco, trabalhar no Sábado, etc. Também lhe foi proibido vestir-se de casimira como está fabricado hoje — uma mistura de lã e algodão (Lev. 19:19) — mas nós não estamos debaixo da mesma lei, por isso não posso dizer que tais coisas não sejam proibidas também. Contudo, está escrito para o nosso ensino (1. Cor. 10:11) e cada um

deve procurar receber das leis do Velho Testamento algum ensino para a sua própria vida espiritual, mas não impôr a sua proibição sobre os outros.

A única proibição ceremonial que passou do Velho para o Novo Testamento, foi a proibição de comer sangue (Atos 15:20).
Saudações no Senhor Jesus.

* * *

Carta 42

O Silêncio das Mulheres na Igreja

Em atenção ao parecer de um irmão muito estimado, esta Carta até o presente não foi impressa. Mas o assunto é de importância, e resolvi, afinal, submetê-la ao critério dos leitores de «Cartas Ocasionais»

Capital Federal

21-v-1923

Meu caro irmão . . . ,

Recebi à sua carta esta manhã, e achei-a interessante porque o assunto de mulheres orarem na Reunião de Oração nos ocupou ontem à tarde em nosso estudo bíblico.

A resposta mais fácil é uma resposta positiva: Sim ou Não; uma regra «dura e segura» como dizemos em inglês: mas não me parece que o caso se possa resolver com tanta facilidade.

Se podemos tomar 1 Cor. 14:34 em sentido absoluto e se podemos provar que qualquer reunião de oração seja necessariamente uma reunião da Igreja, então não sómente seria proibido às mulheres orarem mas também cantarem — visto que não se pode cantar silenciosamente. Mas creio que ninguém entende que o «silêncio» das mulheres na Igreja deve ser tão completo que elas nem devem cantar os hinos, uma vez que o façam com modéstia. Contudo, quando alguma moça pretende valer-se da sua voz forte para dominar o canto e obrigar todos a acompanharem o compasso lento que ela quer, então ela evidentemente necessita atender mais à modéstia que a Bíblia indica como um dos maiores enfeites das mulheres.

Não me parece ser de todo certo que uma reunião de oração seja sempre uma reunião da Igreja, e devido à atual fraqueza que prevalece entre os crentes, às vezes nessa reunião, em alguns lugares, não haverá mais que dois ou três irmãos que oram, e então vem a ser de bastante interesse resolver se, em vista de semelhante situação fraca, será totalmente proibido a uma mulher cooperar

em oração: se necessariamente o serviço de oração tem que ser limitado à capacidade espiritual de dois ou três irmãos?

Para tais casos parece-me ser permissível atribuir a essa reunião um caráter mais íntimo, mais particular, e assim ceder lugar às irmãs para orarem.

Creio que há muita instrução em apreciar todo o ensino bíblico relativo à posição da mulher e do homem. Evidentemente a mulher ocupa um lugar subordinado: deve estar em sujeição; o seu procedimento é governado pela modéstia que lhe é natural. Todo o ensino bíblico nos mostra que a mulher não deve procurar salientar-se ou dominar sobre o homem: fazer tal coisa seria repugnante ao sentimento natural e espiritual de toda mulher piedosa. Mas vivemos em tempos de grande fraqueza e abatimento, e nem sempre podemos realizar o ideal em nosso serviço cristão. O ideal está expresso nas palavras do apóstolo: «Quero pois que os homens orem em todo lugar» (1. Tim. 2:8). Mas quando muitos dos homens não oram, quando ficam mudos e sem préstimo, não me admiro que o Senhor Se sirva de uma mulher — talvez para envergonhar os homens inúteis; como Ele fez uma vez em Israel, levantando uma mulher como generalíssima do exército, talvez por não haver um homem capaz.

Mas em uma reunião bem concorrida, onde há bastantes irmãos dispostos e preparados para orarem, não seria de acordo com o acanhamento e a modéstia ensinados na Palavra que as mulheres se adiantassem e os homens se limitassem a dizer «Amém» às orações delas.

Porém não poderei repreender terminantemente qualquer irmã que tenha orado em reunião de oração. Considero-o como indício de fraqueza entre os crentes reunidos e talvez uma culpável falta de espiritualidade entre os homens. Mas no caso de haver bastantes irmãos dispostos para orarem, talvez eu chamassem a atenção de tal irmã, depois da reunião, para esse fato, e lhe perguntassem se não achava mais conveniente, mais escritural, limitar-se a dizer «Amém» às orações dêles e não contar que eles dissessem «Amém» à oração dela?

O apóstolo dá quatro motivos para o silêncio da mulher na Igreja, dois na Epístola aos Coríntios e dois na Epístola a Timóteo, e a consideração dêles nos ajudará a discernir por que esse silêncio convém, como também quais são as exceções, ou ocasiões em que não precisa ser observado.

O primeiro motivo em 1. Cor. 14:34,35 é a sujeição, e o segundo é a modéstia. Em 1. Tim. 2:11-14 o primeiro motivo é que ela não tem a prioridade, por ter sido formada depois de Adão, e o

segundo é que ela foi enganada, e por isso não deve figurar como ensinadora do homem, que não foi enganado pela serpente.

É digno de reparo que nenhum destes motivos se refere às condições locais em Corinto, como, por exemplo, à ignorância das mulheres gregas ou uma tendência para elas conversarem na Igreja, como alguns têm imaginado.

Uma apreciação destes motivos para o silêncio das mulheres nos mostra (1) que não lhes é proibido cantar hinos, podendo fazê-lo com a devida sujeição e modéstia. (2) Que não lhes compete o serviço de ensinar ou exortar aos homens — ao menos, na Igreja — podendo, porém, ensinar ou exortar às crianças e às moças (Tit. 2:4). (3) Que não lhes é proibido expressamente orar em público, no caso de poder fazer isso em sujeição e modéstia, sem usurpar o lugar de prioridade que compete ao homem; mas talvez nem isso ela queira fazer em qualquer reunião da Igreja, atendendo à palavra mais terminante em 1. Cor. 14:34.

Não deve ser sem significação que o silêncio da mulher na Igreja é tão completo, segundo o ensino da Palavra, que nem lhe é permitido fazer uma pergunta numa reunião de estudo bíblico (1. Cor. 14:35), embora nos pareça que isso se podia fazer sem ofender qualquer dos quatro motivos que o apóstolo alega para o seu silêncio. Mas onde este ensino tem sido esquecido e as mulheres se salientam nas Igrejas, não podemos estranhar que às vezes elas não se limitem a orar, mas citem hinos para serem cantados ou se levantem para ler alguma passagem das Escrituras. Contudo, torno a repetir que, num ajuntamento de caráter mais particular e não «da Igreja», a proibição bíblica não tem a mesma aplicação, e portanto o préstimo das mulheres pode ser bem aproveitado.

Alguns têm procurado desfazer o ensino expresso da Bíblia referente ao silêncio das mulheres nas Igrejas, combatendo-o com outra citação bíblica: que «em Cristo não há nem macho nem fêmea», ao qual a suficiente resposta é: «em Cristo», não, mas nas Igrejas, sim. De outra maneira que valor teriam os ensinos detalhados dirigidos aos homens e às mulheres referentes ao seu comportamento nas Igrejas (1. Cor. 11:1-16; 14:34; 1. Tim. 2:8-15, etc.)?

Em qualquer reunião onde é sabido que o caso de uma mulher orar publicamente seria reprovado pela consciência de alguns dos assistentes, uma irmã espiritual teria todo cuidado em manter-se silenciosa. «Portai-vos de modo que não deis escândalo, nem aos deus, nem aos gregos, nem á Igreja de Deus.»

Há mais um motivo porque considero a oração da mulher na reunião uma coisa rara e excepcional: na circunstância de ter ela

muitas vezes uma voz tão fraca que não se ouve longe, e à qual por isso muitos não podem dizer «Amém».

Seu afeiçoado irmão em Cristo,

• • •

Carta 43

Um Apêlo aos Novos Crentes

Devido ao Evangelho ter-se tornado conhecido nestes últimos tempos em muitas diferentes partes do Brasil, abundam novos cientes no Senhor Jesus Cristo que têm chegado a conhecer o amor de Deus revelado no Dom de Seu amado Filho, e a contar com a graça divina para ter uma vida mais santa que nos tempos da sua incredulidade.

Devemos nos alegrar pelo constante progresso do Evangelho e ao mesmo tempo ajudar os novos convertidos no desenvolvimento da sua vida espiritual.

Nesta carta ocupar-me-ei apenas com um aspecto dêste assunto: preciso escrever umas palavras de aviso aos meus novos irmãos, em Cristo, aconselhando-os a não aceitarem quaisquer nomes partidários para se diferenciarem dos demais crentes.

Geralmente acontece que, pouco depois de uma pessoa ter crido no Evangelho de Deus e assim ter nascido de novo como um membro do Corpo de Cristo, é procurada pelos representantes de diferentes partidos ou denominações evangélicas e solicitada para "professar-se" em qualquer das suas igrejas. Consentindo nisso, o irmão em vez de ficar sendo apenas um crente em Cristo, vem a ser «crente metodista», ou «crente batista» ou tal.

Como crente no Senhor Jesus Ele sentia-se ligado com todos os demais crentes, seus irmãos em Cristo, e podia reunir-se com eles em qualquer parte, mas como crente denominacional Ele se acha desligado de todos os irmãos que não têm a mesma denominação.

Nesta carta não vou examinar a razão de ser das diversas divisões e denominações evangélicas, mas apenas noto que toda divisão entre os crentes é reprovada pela Palavra de Deus (1. Cor. 1:12,13), e o começo do denominacionalismo é enérgicamente censurado pelo apóstolo Paulo quando Ele diz: «Cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu de Apolos, e eu de Cefas, e eu de Cristo. Está Cristo dividido? foi Paulo crucificado por vós? ou fostes vós batizados em nome de Paulo?»

O crente novato, não podendo discutir os erros do denomina-

cionalismo que atualmente divide a Igreja de Deus, pode, sem mais discussão, recusar a aceitar qualquer nome ou título que não encontre na sua Bíblia: Adventista, Metodista, Darbista, Batista, Presbiteriano, Pentecostal, etc., e dizer que nem deseja assinar qualquer jornal ou revista que traz alguns desses nomes. Assim ele se livrará, facilmente, das solicitações dos propagandistas denominacionais, que deviam ocupar seu tempo melhor na evangelização dos incrédulos, e não em angariar adeptos para as suas irmandades entre os crentes novatos e inexperientes.

Com certeza os tais propagandistas vos dirão: «É preciso ser batizado novamente», «é preciso fazer a sua profissão de fé», etc., mas a resposta será que tudo isto podemos fazer sem ligarmo-nos com qualquer partido. O crente que entende que não foi batizado, pode pedir o batismo, ou por aspersão ou por imersão, às mãos de qualquer irmão idôneo, e pode fazer a confissão da sua fé no meio dos crentes reunidos, não uma vez só, mas constantemente, lembrando-se sempre que a melhor «profissão de fé» que ele pode fazer é o exemplo da sua vida transformada pela graça de Deus.

Terminando esta carta, desejo acrescentar uma advertência contra um costume muito errado que alguns crentes usam de empregar a palavra «Cristãos» ou «Irmãos unidos» como título dos crentes que não aceitam os diversos nomes partidários que atualmente dividem os irmãos em Cristo.

Todo crente é «cristão», e assumir esse nome como título de apenas alguns crentes é um erro bem triste. Sem querer fazê-lo, estão se servindo do nome de Cristo para dividir a Sua igreja. Quando falamos de «nós cristãos» devemos incluir nesse título todos os crentes do mundo, e não uma fração deles.

Termino esta carta com a lembrança que, embora devemos reprovar enérgicamente todo o sectarismo e divisão da Igreja de Deus, devemos ter para com nossos irmãos denominacionais o mesmo amor e simpatia que temos para com todo crente em Cristo, embora não possamos aprovar o seu costume de aliciar adeptos dentre os crentes menos instruídos.

Que Deus vos guarde do mal nestes tempos difíceis, pede

Vosso sincero irmão em Cristo,

* * *

Carta 44 Não se reimprime, por não ser mais necessária.

Carta 45. O assunto da Carta 45 — «Batizado pelos mortos» — está explicado na Carta 37, pág. 113, por isso não precisa ser reimpressa.

Carta 46

O Batismo

Devido às diferenças de ensino e oportunidade, sempre há de haver desigualdades de inteligência espiritual, e, por consequência, diversidade de opinião acerca de alguns pontos de doutrina, até que «todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, à varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo».

Tal diversidade não ameaça por si o bem-estar da Igreja de Deus, mais do que a desigualdade de inteligência entre uma criança e um moço perturbaria a felicidade de uma família. Sómente fornece ocasião para paciente e afetuoso ensino.

Porém devemos notar que é a constante tentativa do inimigo das almas servir-se destas diferenças de entendimento para promover uma alienação de espírito entre os crentes, e, finalmente, uma completa quebra de associação. É esta funesta tendência que devemos prevenir com todo o cuidado, a fim de, de qualquer maneira, evitar tão triste resultado.

O pensamento central da doutrina cristã é o de *unidade em Cristo*, por isso não nos deve surpreender que o grande desejo do inimigo seja corromper ou destruir essa unidade. O meio, porém, que ele emprega com maior êxito é um que talvez muitos não tenham observado. É um «zélo de Deus» e da letra da verdade, pelo qual Satanás quer ver os crentes contender de u'a maneira muito contrária ao espírito da verdade.

O assunto do Batismo, em vez de fornecer matéria para amigável e paciente estudo, num espírito de confiança fraternal, tem sido assunto de amarga controvérsia, e, finalmente, tem servido para fazer divisão entre os que são irmãos em Cristo, membros do Seu Corpo, e pedras vivas na Sua Igreja.

A literatura do assunto tem, infelizmente, sinais do mesmo espírito, e pouco há, de tudo que se acha escrito concernente ao Batismo, que sirva para a edificação da Igreja em amor (Ef. 4:16). É esta consideração que me leva a tocar no assunto com receio, e com o desejo de ser guardado do mesmo espírito contencioso.

É de notar-se que nas Escrituras, e principalmente nas epístolas de S. Paulo, o Batismo ocupa lugar muito secundário, e se atualmente está muito nos pensamentos dos crentes, é por serem ocupados com ordenanças em vez de Cristo; com a sombra em vez da

realidade. «Cristo enviou-me não para batizar mas para evangelizar», diz o apóstolo, e a mesma linguagem convém hoje a todos os que desejam servir ao Senhor, embora êles, como Paulo, batizem um ou outro segundo as necessidades da ocasião.

O nosso estudo divide-se em duas partes: (1) Qual o ensino das Escrituras sobre o Batismo? (2) Existe na Palavra de Deus autoridade para estabelecer uma denominação tendo o Batismo como seu centro e condição de comunhão, incluindo todos que tenham chegado a um certo conhecimento sobre o ponto, e excluindo todos que não concordam?

É necessário distinguir cuidadosamente estas questões, pois tem-se presumido que, se há um certo parecer acerca do Batismo, há por isso obrigação de se separar dos demais cristãos e reunir-se à denominação batista. Também há outra denominação de crentes (?) os quais julgam que só êles têm a verdade acerca do Sábado, e assim com semelhante presunção ensinam que, no caso de concordar com a sua doutrina, tem de se juntar à sua associação.

Supondo que os diversos grupos reunidos em torno de certas doutrinas têm razão nos seus pareceres, é evidente que nos colocam na difícil posição de nos vermos obrigados a unir-nos a todos êles, na medida que a nossa inteligência alcança as verdades que ensinam. Em tal caso parece que a divisão é verdadeiramente a ordem divina, e um certo grau de inteligência a condição de comunhão.

Mas todo coração sincero há de repudiar tal pensamento, e reconhecer que na Igreja de Deus há lugar para todo grau de inteligência espiritual, a única condição de comunhão sendo a lealdade de coração a Cristo. Ele procura reunir os Seus em torno de Si, em vez de os ver divididos por motivo de doutrinas ou práticas, embora as mais corretas.

A Palavra de Deus nos indica com quem podemos associar em um dia de ruína (2. Tim. 2:22), e de quem devemos afastar-nos (2 Tess. 3:6), mas a condição é o que toca no coração e na vida, e não na inteligência.

Aprendemos, pois, que, qualquer que seja a conclusão para a qual o nosso estudo nos leve, não temos obrigação de nos apartar dos nossos irmãos que pensem diferentemente, visto que nenhuma ordenança se nos oferece como centro de congregação para o povo de Deus, mas sim a bendita Pessoa do Cristo vivente, à destra de Deus.

Há duas perguntas que se ouvem muitas vezes: Como se deve batizar? e A quem se deve batizar?

As ordenanças da economia mosaica são minuciosamente descritas, por haver uma significação espiritual em todo detalhe. No

regime cristão há uma notável ausência de cerimônias, visto que os verdadeiros adoradores adoram o Pai em espírito e em verdade. E visto que a sabedoria das Escrituras deixa de discutir o processo do Batismo, podemos também deixá-lo à consciência individual do batizador, tendo a certeza de que qualquer ensino que nos ocupe com formas e cerimônias não é de Deus. Seguramente o que Ele aprecia não é nem a quantidade nem a qualidade da água, mas o precioso Nome de Seu amado Filho, para quem somos batizados.

Assim vemos no caso de «certos discípulos» mencionados em Atos 19, a questão não é: «Como fôstes batizados?» mas sim «Em que batismo, logo, fôstes vós batizados?» Quão sábio é o silêncio das Escrituras! *

Para sabermos quem deve ser batizado devemos entender o sentido do rito segundo as Escrituras, e nesta matéria queremos antes dar um resumo de algumas importantes cartas sobre o assunto, do que oferecer as nossas próprias conclusões. As cartas encontram-se na correspondência do falecido J. N. Darby, e são do seguinte sentido: —

«Deploro a ocupação dos pensamentos dos crentes com o Batismo, e o costume de insistir no seu estudo, como se faz muitas vezes. Não ocupa a pessoa com Cristo nem com a Igreja, mas com ordenanças, e acho que isso é um grande êrro que sempre prejudica a pessoa assim ocupada... Se alguém nunca foi batizado é claro que o deve ser; se já o foi não é admissível batizá-lo outra vez.

A idéia que o Batismo serve como testemunho, para mim não tem valor algum, pois se eu fôsse batizado amanhã ninguém diria que me tornei cristão; diriam apenas que me fiz batista, ou que «entendi o batismo», como vulgarmente se diz.

Geralmente o primeiro ponto em que se insiste é o de obediência. Em resposta nego absolutamente que obediência a quais-

* Nota: Alguns dirão que uma pessoa não é batizada não sendo completamente imergida; e citam o dicionário em seu apoio. Podemos entender que o ato de imergir a pessoa melhor simboliza uma «sepultura» (embora nos sepulcros orientais o corpo estava colocado horizontalmente sobre uma espécie de prateleira lavrada na rocha, e não depositado verticalmente numa cova), e achar assim que a imersão pode realizar melhor o sentido de Rom. 6:3. Porém o dicionário nem sempre resolve os problemas bíblicos.

Os discípulos foram batizados no Espírito Santo e no fogo, mas não foram imergidos nêles; e S. Pedro o descreve como um «derramar» do Espírito. No caso de alguém preferir «derramar» no ato de batizar com água, quem pode dizer que Deus não o aceita? O assunto tem sido bastante discutido por outros escritores, mas não será proveitoso estudá-lo mais aqui.

quer ordenanças faça parte do Cristianismo. O insistir em obediência às ordenanças é um princípio perigoso, e contra o espírito do Cristianismo. A Escritura diz a este respeito: «*Por que vos carregam ainda de ordenanças?*» e tal insistência enfraquece todo o caráter espiritual. Nas Escrituras o caso do Batismo não é assunto de obediência. A prova é esta: quando o eunuco de Candace chegou à água, ele disse: «*Que me impede que eu seja batizado?*» uma expressão que, se fosse assunto de obediência, não teria cabimento.

Há outro caso também que demonstra que a idéia de obediência não pertence ao Batismo. Pedro diz: «*Pode alguém impedir a água, para que não sejam batizados êstes, que também receberam como nós o Espírito Santo?*» Ambos êstes casos provam que era um privilégio desejado ou conferido, mas não que fosse um ato de obediência. O Batismo era o meio de admitir entre os cristãos; é um ato do batizador, e não um ato do batizado. Os apóstolos não foram batizados; êles, os doze (mas não o apóstolo Paulo), foram enviados para batizar, para admitir à Casa de Deus.

Bem sei que às vezes se apresenta o batismo de João Batista para provar que os apóstolos foram batizados, mais isso é uma completa confusão, visto que o batismo de João não tinha referência alguma à morte e ressurreição — pelo contrário, teve por fim preparar um povo para receber Cristo antes de Ele morrer. Por isso alguns que tinham recebido o batismo de João foram batizados outra vez (Atos 19).

O segundo ponto que se apresenta para apoiar o re-batizar é que o Batismo é uma confissão pública que o homem é já morto e ressuscitado em Cristo. Isto é também inteiramente contra o ensino da Palavra. Batismo, em figura, coloca a pessoa em lugar de morte, mas isso manifesta que a pessoa ainda não estava nesse lugar. «*Levanta-te,*» diz Ananias, «*e recebe o batismo, e lava os teus pecados,*» não «*recebe o batismo como sinal que os teus pecados já estão lavados.*» Outra vez, «*Sepultados com Ele no batismo*» (Col. 2:12). «*Todos quantos fomos batizados em Cristo fomos batizados na sua morte*» (Rom. 6:3). E assim em todos os lugares. «*Todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo.*» Não foram batizados por já estarem revestidos. Só os que seguem os princípios do romanismo supõem que a obra está feita pelo batismo. O Batismo é uma figura de morrer e ressurgir — não de ser já morto e ressurgido.

Ainda mais; diz-se que o Batismo nos torna membros do Corpo de Cristo; mas isto é mais um ensino que não se acha nas Escrituras. O Batismo não tem, nem sequer figuradamente, referência alguma à unidade do Corpo. «*Por um Espírito somos todos*

batizados em um só Corpo» — não por água. O batismo do Espírito é o sêlo da fé, como a Bíblia muitas vezes declara. «No qual também, havendo crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa» (Ef. 1:13). E tendo já recebido o Espírito, como no caso de Cornélio, foram depois batizados, para serem reconhecidos entre os crentes.

O Batismo apresenta a doutrina — eu, um pecador vivo, morro ao pecado, e torno a ressurgir para ser aceito no Nome de Cristo, como vivo para Deus no poder da Sua ressurreição: daque-la operação de Deus que O levantou dentre os mortos.

Bem sei que se diz: Mas não lemos em S. Marcos, «Quem crer e fôr batizado»? Concordo que sim, e diz mais, «Será salvo». Não desejo, de modo algum, acusar os Batistas de uma falta de honestidade em suprimirem este último, que dá todo o sentido e significação à oração, mas digo que mostra como o parecer dêles impede inteiramente a sua apreciação do sentido da Escritura. Por que não citam a passagem toda? Podem negar que eu, e mais crentes que não somos re-batizados segundo as idéias dêles, somos salvos? Não podem, nem querem assim dizer; mas então, por que é que citam a passagem incompleta? Dizer que é necessário acrescentar à fé de uma pessoa a sua obediência [a um rito] para ser salva, é coisa que quase ninguém ousaria fazer.

O que importa, então, o Batismo? É o meio de admitir o batizado para um lugar de privilégio. No caso de Cornélio não podiam recusar água. No caso do eunuco não havia impedimento de ele ser batizado. Em 1. Cor. 10 vemos claramente que o Batismo é a admissão pública para uma associação exterior com Deus, como quando Israel atravessou o Mar Vermelho; da mesma maneira em que a Ceia do Senhor é uma figura e expressão de comida e bebida (de sustento espiritual) no deserto. O Batismo não é sequer uma figura de ter vida espiritual, nem de ser feito parte do Corpo de Cristo, nem de ser feito filho de Deus. No ensino de S. Paulo o Batismo significa a morte; segundo Pedro ou Ananias, importa salvar, lavar os pecados, em figura. Representa a passagem desde o estado de um homem pecaminoso para o lugar onde estão os privilégios divinos, principalmente a presença do Espírito Santo, que está entre os crentes como Satanás está no mundo. (Este lugar de privilégio e bênção chama-se a Casa de Deus, 1. Tim. 3:15, e também «uma grande casa», 2. Tim. 2:20. É mais extensivo do que o Corpo de Cristo, que é a Igreja de Deus.) Paulo em Tito 3 reconhece a mesma verdade.

Então a questão vem a ser: É permitido receber crianças ou crentes? Crentes, com certeza, se ainda não foram recebidos, mas se já foram não o podem tornar a ser. E se o não foram, claramente a maneira de os receber publicamente é pelo Batismo. Mas seremos obrigados a deixar as nossas crianças de fora, isso é,

no lugar onde domina Satanás? Parece-me que a Escritura concede aos pais crentes o direito de trazer os seus pequenos a Cristo, mas isto agora só pode ser pela morte, segundo o símbolo do Batismo, visto que «o que é nascido da carne, é carne».

Pergunta-se: «O que podem fazer as crianças? Qual é o benefício que obtêm pelo Batismo?» As crianças não fazem nada; a graça opera a favor delas. Ninguém se aproxima por aquilo que faz. O benefício que alcançam é que são trazidas para a Casa onde o Espírito Santo habita, para serem criadas na admoestaçāo do Senhor.

Admito que não há mandamento para batizar crianças; nem tão pouco há para batizar crentes, assim como não há mandamento algum para ser batizado. As Escrituras requerem que as crianças sejam recebidas. Os que as recebem, recebem a Cristo; e das tais é o reino dos céus. O filho de um pai crente é santo. Não duvido por um momento que se morrem são recebidas como salvas no céu (veja-se Mat. 18). Quem dirá que não podem ser recebidas na terra pela Igreja? Mas diz-se: «Então, por que não se lhes dá a Ceia do Senhor?» Porque a Ceia é um símbolo da unidade do Corpo, e elas não pertencem a este até serem batizadas pelo Espírito Santo.

Visto que das tais é o reino do céu, não poderei receber a criança para o reino em Nome de Cristo? e sendo em Seu Nome não devia ser por uma figura de morte e ressurreição para o reino? E mais, a Palavra diz explicitamente que são santas, no caso de um dos pais ser crente (não intrinsecamente santas, já se vê), e a passagem tem uma aplicação imediata ao ponto que estamos considerando.

Se um judeu casou com uma pagā, profanou-se. A mulher já era profana, e por isso a mulher e as crianças tinham que ser repudiadas. Isto foi o que a lei ordenou. Porém sobreveio a graça; um dos pais era tido por crente, o outro não. Teriam que se apartar, como devia fazer o judeu? Não! o incrédulo ficou santiificado do mesmo modo como o judeu ficara profanado; santificado, não santo, como o judeu foi profanado mas não era profano; e as crianças eram santas embora as do judeu eram profanas. Quais podia receber os privilégios do Judaísmo pela circuncisão — era profano. O filho do cristão, sendo santo, estava em condições de receber os privilégios cristãos, incluindo o Batismo. Vemos assim devem guiar.

O caso dos Batistas que julgam que êles mesmos não tinham sido batizados, não oferece dificuldade; é evidente que o devem ser. Nunca foram admitidos formalmente entre os cristãos sobre a terra; pode ser que pertençam ao Corpo de Cristo (como Cornélio)

pelo batismo do Espírito Santo, mas nunca foram formalmente admitidos à CASA de Deus sobre a terra, a saber, para o lugar onde o Espírito Santo habita.

É bem claro, segundo o Novo Testamento, que o Batismo nunca se apresenta como assunto de obediência. Se assim fôsse, seríamos salvos pela nossa obediência; teríamos os nossos pecados lavados pela nossa obediência; pois isto é o que se diz do Batismo. A idéia da obediência de um crente a qualquer ordenança é completamente errada, tanto no caso da Ceia do Senhor como do Batismo. Se um amigo me diz: «Guarda isto em memória de mim», e respondo, «Obedecerei ao seu mandato», o amigo havia de ficar triste. Havia de entender que o dom não era apreciado.

O assunto é lato, mas o princípio é que os filhos de um crente são santos e (longe de as crianças não serem admissíveis aos privilégios da Casa de Deus) «das tais é o reino dos céus».

Achei este estudo entre os meus papéis. Creio que foi escrito ou traduzido pelo falecido J. M. Rendell, mas o seu principal interesse é que apresenta alguns ensinos do Sr. Darby sobre o assunto: — S. E. M.

Carta 47

Ainda Mais Perguntas

Mutum, Minas

5-v-1924

Meu caro irmão

Agora vou ver se poderei responder às suas perguntas antes de iniciar a minha viagem no dia 12 d'este, pois, de outra maneira, será só a bordo do vapor que terei tempo suficiente. E ali não terei recurso nenhum aos livros necessários para poder satisfazer o seu pedido no que diz respeito a certas perguntas mais difíceis.

1.— Satanás: (1) Qual a sua origem? Como apoiar nas Escrituras a afirmação corrente que Ele foi um anjo que quis usurpar o lugar de Deus, e que, por isso, foi lançado à terra? Vejo uma base apenas em 2. Ped. 2:4 («inferno, cadeias de escuridão», aqui, que significam?) e Jud. 6. (2) É uma personalidade real ou alegórica? (3) É uma única pessoa ou muitas? (Falam-se de DIABOS e DEMÔNIOS.) (4) Qual a sua habitação própria? Ele vive «nos ares», segundo inferem de Ef. 6:12? (5) É verdade que Ele nos tenta? Toda e qualquer tentação é atribuída a Ele? Se é, não nos tira a responsabilidade? (6) É atribuída a Ele toda a manifestação espírita? (Os espíritos que nos revelam só podem ser maus, não?) (7) O caso da tentação de Jó é real ou figurado? Satanás apareceu, falou a Deus, Este lhe respondeu, etc.? (Considero este passo bem difícil.) (8) Na tentação de Cristo, o que